

Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Faculdade de Educação - FaE
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) - Mestrado



A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA RUTH BLANK (1925-1982): Contribuições para o ensino de Arte em Pelotas.

Liziane Nolasco Fonseca

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Arriada

Linha: Filosofia e História da Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação



Dissertação

A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA RUTH BLANK (1925-1982):
Contribuições para o Ensino de Arte em Pelotas – RS

Liziane Nolasco Fonseca

Pelotas, 2022

LIZIANE NOLASCO FONSECA

A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA RUTH BLANK (1925-1982):

Contribuições para o ensino de Arte em Pelotas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de conhecimento: História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Arriada

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F677t Fonseca, Liziane Nolasco

A trajetória da professora Ruth Blank (1925-1982) :
contribuições para o ensino de arte em Pelotas / Liziane
Nolasco Fonseca ; Eduardo Arriada, orientador. — Pelotas,
2022.

115 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Educação, Faculdade de Educação, Universidade
Federal de Pelotas, 2022.

1. História da educação. 2. Trajetória de vida. 3.
Professora de arte. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 370.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Liziane Nolasco Fonseca

A trajetória da professora Ruth Blank (1925-1982): Contribuições para o ensino de
Arte em Pelotas-RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 29 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Arriada (Orientador)
Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUC-RS)

Prof^a. Dr^a. Gabriela Medeiros Nogueira
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof^a. Dr^a. Giana Lange do Amaral
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Raquel Azambuja Santos
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação -
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

**Aos meus filhos Cléo e Gael,
meu marido Marcio, minha mãe Maria Flani
e meu pai Manoel (*in memoriam*).**

Agradecimentos

A Deus, por conseguir realizar este sonho, certa de que nós somos feitos de opções e que Ele me orienta e me atende concedendo-me alegria e entusiasmo pra seguir em frente nas minhas escolhas.

À família:

Meus filhos Cléo e Gael, fontes de inspiração, garra, alegria e superação.

Ao Marcio meu marido, parceiro de vida, compreensivo sempre acreditando no esforço que faço e em nós.

Meus pais Manoel e Maria Flani, pelo empenho que fizeram toda a vida (do jeito que puderam) para que não me faltasse escola.

Minhas irmãs Mara, Raquel e Claudia pelo incentivo e apoio em seguir em frente.

Ao meu irmão por me mostrar o caminho da leitura e da criatividade quando criança.

À minha sogra Sônia Dóris onde busquei força e amparo nesses últimos tempos.

Aos mestres:

Ao meu orientador Professor Dr. Eduardo Arriada por ter me apresentado a História da Educação, pelas suas contribuições através de nossas reuniões, na maioria das vezes virtuais (devido à situação sanitária que vivemos no momento), me redirecionando quando eu perdia o rumo e sabendo humanamente entender a situação diferenciada em que vivemos, como também pelo empréstimo de materiais pertinentes à esta pesquisa.

À Professora Dr^a Patrícia Weiduschadt por ser como ela é com todos, sempre atenciosa, agradeço por me acolher sempre que precisei, com tanto cuidado, amizade e empatia, sem hesitar me estendeu a mão desde o momento em que cheguei ao mestrado e sei que será sempre que eu precisar, não há palavras que mensurem a minha gratidão.

À Professora Dr^a Raquel Santos que foi uma luz no meu caminho a percorrer durante todo mestrado, sem as suas indicações e contribuições, sempre tão prática, indubitável e compreensiva, eu não teria acesso a tanta fonte e tanto material,

especialmente no momento em que muitas portas se fecharam para a pesquisa por conta da pandemia.

À Professora Dr^a Giana Lange do Amaral, por também me guiar com suas importantes sugestões, e indicações quando pude ter o privilégio de ser sua aluna, aulas leves, trocas significativas de muito aprendizado, que guardo com muita saudade.

À amiga/irmã Daiane Gomes que sempre me apoiou incentivando ao ingresso no mestrado.

Às amigas, colegas, parceiras, de jornada acadêmica, que estiveram comigo em algum momento do mestrado (on-line ou ao vivo): Elisabeth Conil e Karina Cardozo (juntas do início ao fim).

Karen Romig, e Simone Gomes de Faria (amigas queridas, parceria dos eventos).

Chéli Meira, Jaqueline de Gaspari, e também as que chegaram depois no grupo de orientandas: Andrea Santos, Eneusa Xavier e Simôni Costa, nossas conversas sempre tão valiosas.

À CAPES que me subsidiou como bolsista, sem esse respaldo não conseguiria desenvolver a pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, seus professores e funcionários pela dedicação e atenção.

Ao grupo CEIHE – Centro de Estudos e Investigações em História da Educação da UFPel, o qual participo como integrante, e amparei muitas trocas e aprendizagens através das reuniões e eventos.

Ao CEDOC – Centro de documentação do CEIHE, em especial à Débora Marchesan e ao professor Elomar Tambara que, por vezes, colaboraram com o material do acervo. Espero poder retribuir um dia.

Aos entrevistados, que colaboraram com informações e indicações, empenharam-se em contribuir com a pesquisa, recebendo-me com carinho, disponibilizando materiais e se propondo a estar sempre disponíveis para o que fosse necessário: Ana Claudia Lacau de Macedo, Carlos Alberto Santos, Darley Blank Shwonke, Déborah Blank Miranda, Neiva Maria Fonseca Bohns, Marcia Vetromille, Marge Faria do Amaral Peixoto, Renata Petrucci Souto Allemand, Regina Weykamp da Cruz e Teniza Iara de Freitas Spinelli.

A Sra. Helena Lopes Trigo da Escolinha de Arte do Brasil - RJ pelo seu gentil atendimento ao enviar minha encomenda, juntamente com um carinhoso exemplar do livro 60 anos do Jornal Arte & Educação, um presente maravilhoso.

Ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) Ado Malagoli, por me receber para realização da pesquisa em seu acervo documental, em especial a Nina Sanmartin e ao Sr. Raul Holtz.

Ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) por atender a minha solicitação em realizar a pesquisa no acervo da Escola de Belas Artes (EBA), em especial à Joana Lizott que disponibilizou o material digitalizado.

A gentileza do meu ex-chefe Milton Guimarães que confiou no meu sonho de cursar o mestrado, atendendo a essa necessidade articulou meus horários de trabalho para que eu pudesse frequentar as primeiras aulas como aluna especial de programas de pós-graduação da UFPel.

E a todos aqueles que me concederam informações, indicações ou empréstimos de alguma forma, direta ou indiretamente.



"ARTE é fazer uso das descobertas" ...

Em memória da Professora de Arte Ruth Elvira Blank

Resumo

FONSECA, Liziane Nolasco. **A trajetória da professora Ruth Blank (1925-1982): Contribuições para o ensino de Arte em Pelotas.** Orientador: Eduardo Arriada. 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.2022.

Esta dissertação de Mestrado versa sobre a Trajetória da Professora Ruth Elvira Blank, que viveu entre 1925 e 1982 (recorte temporal), fundadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (EMAP). O objetivo é investigar a trajetória de vida da professora a fim de identificar as diversas confluências que contribuíram para sua relevância no campo da História da Educação em Arte, no município de Pelotas. Como objetivo específico buscou-se apontar aspectos do âmbito familiar, sua formação discente e docente (intelectual) e as práticas pedagógicas, com intuito de relacionar à sua vida profissional (como se constituiu). Como indicador contextualizou-se o ensino de arte na época em que ela fundou a EMAP (1963), amparada pelos ideais do Movimento das Escolinhas de Arte que aconteciam no Brasil, difundidas por Augusto Rodrigues. Como método para este estudo foi realizado um mapeamento de pessoas (familiares, amigos, alunos, professores e colegas) que tiveram aproximação com Ruth Blank (como era mais reconhecida) em diferentes espaços e momentos de sua vida e após utilizou-se as entrevistas e questionário para trabalhar com as fontes orais, sob alguma perspectiva da História Oral (THOMPSON, 1998 e ALBERTI, 2008). A Análise Documental (LUDTKE, 1986; BACELLAR, 2005 e CELLARD, 2008) foi realizada a partir das fontes escritas (recortes de jornais, livros antigos, fotografias, Revistas, certidões, atestados, documentos oficiais e manuscritos). Para finalizar esta dissertação considerou-se que a professora de Arte Ruth Blank, foi além dos padrões educacionais, para uma professora que viveu naquela época, na cidade de Pelotas, tendo em vista suas diversas contribuições propagando a educação através da arte nos cursos especializados que participou e proferiu, atuando na formação de professores, idealizando escola própria ao ensino de arte, agindo na área da cultura, elevando a integração entre educação e arte no museu, ou elaborando Projeto de desenvolvimento da Arte na Educação (PRODIARTE).

Palavras-chave: História da Educação. Trajetória de vida. Professora de Arte.

Abstract

FONSECA, Liziane Nolasco. **The trajectory of teacher Ruth Blank (1925-1982): Contributions to the teaching of Art in Pelotas.** Advisor: Eduardo Arriada. 2022. 115f. Dissertation (Master in Education) – Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, RS, 2022.

This Master's dissertation deals with the trajectory of Professor Ruth Elvira Blank, who lived between 1925 and 1982 (time cut), founder of the Municipal School of Art of Pelotas (EMAP). The objective is to investigate the teacher's life trajectory in order to identify the various confluences that contributed to her relevance in the field of History of Education in Art, in the municipality of Pelotas. As a specific objective, we sought to point out aspects of the family environment, their student and teacher training (intellectual) and pedagogical practices, in order to relate to their professional life (how they were constituted). As an indicator, the teaching of art was contextualized at the time she founded EMAP (1963), supported by the ideals of the Movement of Art Schools that took place in Brazil, spread by Augusto Rodrigues. As a method for this study, we carried out a mapping of people (family, friends, students, teachers and colleagues) who were close to Ruth Blank (as she was more recognized) in different spaces and moments of her life and after that, interviews and questionnaire to work with oral sources, from some perspective of Oral History (THOMPSON, 1998 and ALBERTI, 2008). Document Analysis (LUDTKE, 1986; BACELLAR, 2005 and CELLARD, 2008) was carried out from written sources (newspaper clippings, old books, photographs, magazines, certificates, certificates, official documents and manuscripts). To conclude this dissertation, it was considered that the Art teacher Ruth Blank, went beyond the educational standards, for a teacher who lived at that time, in the city of Pelotas, in view of her diverse contributions propagating education through art in the specialized courses that participated and gave, acting in the training of teachers, idealizing a school for teaching art, acting in the area of culture, increasing the integration between education and art in the museum, or preparing a Project for the development of Art in Education (PRODIARTE).

Keywords: History of Education. Life trajectory. Art teacher.

Lista de Figuras

Figura 1	Fotografia Aula de Música, com o piano ao fundo da sala. Local: Escolinha de Arte Municipal de Pelotas.....	37
Figura 2	Objetos artísticos em cerâmica, período da EMAP e pintura em tela ao fundo.....	38
Figura 3	Professoras Renata Allemand e Marge Peixoto com os Fantoches Pipoca e Rapadura.....	39
Figura 4	Projeto de Desenvolvimento Integrado da Arte na Educação, 1981. Porto Alegre, RS.....	44
Figura 5	Recorte do Jornal Estandarte Cristão, participando nascimento de Ruth Elvira Blank.....	48
Figura 6	Reverendo Alberto Blank, com Ruth, Esther e alunos da Escola Paroquial Barão de Rio Branco.....	50
Figura 7	Enciclopédia Tesouro da Juventude - Reedição 1955.....	53
Figura 8	Ruth Elvira Blank. Bandeirante Tropa Condor.....	56
Figura 9	Ruth Elvira Blank em atividade como Bandeirante.....	57
Figura 10	Ruth Blank ao lado de seu pai o Reverendo Alberto Blank, em ambiente do Colégio Santa Margarida.....	59
Figura 11	Relatório de aula da Professora Ruth Blank, 1960.....	69
Figura 12	Fotocópia Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, RS, 1963..	70
Figura 13	Fotografia de recorte do Jornal Diário Popular, Escolinha de	71

Arte completa 40 anos de ensino da Arte, ano 2000.....

Figura 14	Plano de Criação da Escolinha de Arte de Pelotas – Justificativa.....	83
Figura 15	Programa Experimental de atividades Artísticas – 1966	84

Lista de Quadros

Quadro 1	Apresentação dos entrevistados e suas contribuições para a pesquisa sobre a Trajetória da Professora Ruth Blank.....	32
Quadro 2	Demonstrativo do acervo bibliográfico que constituiu as possíveis leituras da Professora Ruth Blank.....	80

Lista de Abreviaturas

CA	Centro de Artes da UFPEL
CAPES	CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDOC	Centro de Documentação vinculado ao CEIHE/UFPEl
CEIHE	Centro de Estudos e Investigações em História da Educação
DAC/SEC/RS	Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
DCG	Divisão de Cultura Geral
EBA	Escola de Belas Artes de Pelotas
EMA	Escolinha Municipal de Arte
EMAP	Escolinha Municipal de Arte de Pelotas
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
FaE	Faculdade de Educação da UFPEl
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MALG	Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
MEA	Movimento das Escolinhas de Arte no Brasil
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE
RS	Rio Grande do Sul
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

Introdução	15
1 Roteiro metodológico	23
1.1 Revisão Bibliográfica.....	23
1.2 Conceitos gerais.....	26
1.3 Metodologia.....	28
1.3.1 Apresentação das Fontes Orais – Organização.....	31
1.3.2 As Fontes Orais.....	34
1.3.3 Apresentação das Fontes Escritas.....	40
2 A Escolinha de Arte do Brasil	43
2.1 O Ensino de Arte entre 1960 e 1980.....	45
3 Contexto familiar de Ruth Blank	48
3.1 Ruth Blank - As origens de uma vida voltada à educação sob orientações da Igreja Anglicana.....	48
4. Ruth Blank - Processos de Formação	55
4.1 A escolarização de Ruth Blank no Colégio Santa Margarida (1937-1942)	55
4.2 Ruth Blank na Escola de Belas Artes de Pelotas.....	61
4.3 Atuação docente de Ruth Blank.....	65
4.3.1 Ruth Blank na memória das alunas da Escola Normal Assis Brasil.....	65
4.3.2 Tornar as crianças mais felizes e os adultos mais sensíveis à Arte - A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.....	70
4.3.3 Ruth Blank no MARGS - O Museu como uma escola viva de Arte.....	76
4.3.4. Reflexões sobre as prováveis leituras da professora Ruth Blank.....	79
Considerações	89
Fontes orais	93
Fontes documentais	94
Referências	95
Apêndices	100
Anexos	108

Introdução

Esta dissertação de mestrado abrangeu alguns aspectos, no âmbito da História da Educação, sobre a trajetória da professora de Arte Ruth Elvira Blank¹, que viveu entre os anos de 1925 e 1982 e fundou a Escolinha Municipal de Arte, na cidade de Pelotas, no ano de 1963.

A pesquisa ora apresentada busca contribuir com estudos no campo da História da Educação, especialmente no que se refere a trajetória de uma professora que viveu em Pelotas e difundia a educação através da arte, chegando a instituir uma Escolinha voltada a livre expressão artística das crianças e que também oferecia cursos para a formação de professores de educação artística.

Este trabalho foi desenvolvido durante os encontros com o grupo de pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - CEIHE, inserido à linha de pesquisa em Filosofia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

O objetivo é investigar a trajetória de vida da professora a fim de identificar as diversas relações que contribuíram para sua relevância no campo da História da Educação em Arte, no município de Pelotas.

Como objetivo específico buscou-se apontar aspectos do âmbito familiar, sua formação discente e docente (intelectual) e as práticas pedagógicas, com intuito de relacionar à sua vida profissional (como se constituiu).

De que forma ela contribuiu para o ensino de Arte na cidade de Pelotas, além da fundação de uma escola de arte no município que a confere um relevante destaque como educadora, tendo em vista a Escola Municipal de Educação Infantil existente no mesmo local (2022), conter o nome da professora Ruth Blank.

A implantação da escola que primava pelo desenvolvimento das crianças através de suas produções artísticas e criativas, estimuladas pelo ambiente que as cercava é o que a diferenciou das outras escolas, pois o ensino ali era direcionado à liberdade das descobertas artísticas.

Essa Escolinha foi instalada com salas próprias para as práticas artísticas (compostas com materiais plásticos à disposição dos alunos para as produções),

¹ O nome da professora completo é Ruth Elvira Blank, mencionaremos somente Ruth Blank, conforme é mais conhecida como a fundadora da Escolinha de Arte do Município.

que depois foi ampliada para mais algumas salas, localizada em uma praça no centro da cidade de Pelotas. Além das árvores continha um mini zoológico, um mini lago, espaço para atividades esportivas ao ar livre e lazer, entre outras atrações ao público infantil.

Como indicador abarcou-se o ensino de arte no período que compreendeu parte da atuação docente da professora (entre 1960 e 1980).

De modo mais específico discorreremos, brevemente, sobre o Movimento das Escolinhas de Arte no Brasil – MEA (surgido em 1948), que culminou por todo o país com forte atuação, no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1960 a 1980, para que possamos entender como o MEA (preconizado pelo artista Augusto Rodrigues), de acordo com os princípios da educação através da livre expressão artística das crianças, desencadeou o interesse da professora Ruth Blank em fundar a EMAP.

O desempenho docente de Ruth foi notado, antes mesmo da fundação da Escolinha, ao ser convidada a ocupar o cargo de Orientadora de Ensino junto à Diretoria de Educação do Município de Pelotas.

Logo após requerida a atuar como professora de Desenho e Artes aplicadas na Escola Normal Assis Brasil, antes de fundar a Escolinha de Arte. Esta passagem igualmente merece destaque, por se tratar de aulas elaboradas e criativas, despertando interesse de suas alunas, pensando o futuro da educação em Pelotas, de acordo com as memórias das normalistas.

Outro relevante fator que pode imprimir a importância desta professora de Arte, vinculada ao Departamento de Ensino Primário do Município de Pelotas, foi o trabalho que desempenhou nesta área, após sua aposentadoria, no ano de 1967 quando optou por viver em Porto Alegre.

Mesmo aposentada seguiu contribuindo com orientações e materiais (livros, revistas) que trazia quando voltava à Pelotas, semanalmente, para encontrar as suas colegas professoras da EMAP e repassar suas sugestões e orientações.

Ruth Blank, seguiu como professora de Desenho e Artes ligada à Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul, e desenvolveu papéis na área da cultura, através do Departamento de Assuntos Culturais integrado a esta secretaria, denominado de DAC-SEC. Foi coordenadora da Unidade do Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS, localizado na cidade de Porto Alegre. A partir de 1974 elaborou um projeto para o desenvolvimento e ampliação do museu e fez

parte da organização estrutural para a mudança de sede do MARGS, para o endereço atual, situado no Centro Histórico da capital gaúcha, que em 1997 foi denominado Ado Malagoli em homenagem ao seu fundador.

Até o momento de finalizar a pesquisa, foi entendido que não há como desvincular a história de vida de Ruth Blank das suas experiências com a Educação, com a Arte e a Cultura, no período vivenciado não só como professora, mas também como filha do Reverendo anglicano Alberto Blank, fundador da primeira Escola Paroquial da cidade de Erechim, no estado do Rio Grande do Sul a qual fez parte do início da sua formação escolar.

Buscou-se relatar a sua trajetória, analisando e interpretando de forma aproximada a Ludtke (1986) e conforme as fontes orais (THOMPSON, 1998; ALBERTI, 2008) e as fontes documentais (LUTDKE, 1986; BACELLAR, 2005; CELLARD, 2008) a partir dos dados que foram revelando o seu empenho e dedicação de uma vida voltada à construção do conhecimento e a formação dos sujeitos através da Arte.

Ao trazermos a trajetória de Ruth Blank para este trabalho inserida no cenário educacional, entendemos que a mesma traz implícita parte da História da Educação em Arte no Brasil, incorporada à sua história de vida.

Para Cellard (2008) a leitura de documentos deve ser feita com alguma desconfiança dos fatos. Então, para esta análise foi necessário estabelecer um conhecimento prévio do contexto social, cultural, educacional e político no país para interpretarmos os dados buscando compreender a realidade daquele período e do que cada documento nos informava através do que está registrado e assim poder transpor para a escrita o que seria mais pertinente ao estudo sobre o tema.

Pesquisar sobre a trajetória de vida de uma professora, que viveu e fundou, em 1963, uma escola voltada à educação através da arte² em Pelotas, no período em que a arte ainda não era considerada como parte do currículo escolar, tendo em vista a sua integralização somente a partir de 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 5692 (veremos em um capítulo posterior), interessou-me porque através da revisão bibliográfica sobre a sua vida percebi que havia uma lacuna a ser

² Considerou-se educação através da arte o que preconizava a educadora Helena Antipoff (uma das autoras do Movimento das Escolinhas de Arte no Brasil), assim como para Augusto Rodrigues (líder do MEA) a Arte é considerada como expressão livre e criadora, o meio de educação por excelência, para ela o artista tinha um papel fundamental na educação, maior que o dos pedagogos e psicólogos. As crianças deveriam ser livres para se expressarem artisticamente (FREITAS, 1980, p. 20).

preenchida quando me deparei com trabalhos relacionados sempre com a instituição fundada por Ruth Blank, todos mencionam o seu nome caracterizando-a como a fundadora da Escolinha de Arte.

Nenhum dos trabalhos encontrados analisam a sua trajetória ou como Ruth Blank era de fato, como se constituiu professora de arte, que dificuldades enfrentou (se houve), como era o ensino de arte em Pelotas (o que lia, o que buscava orientar às suas alunas e colegas de trabalho) no período em que Ruth viveu a sua discência e a docência, todas essas questões permearam o entendimento sobre a sua trajetória. Buscou-se amparo em alguns aspectos sobre a constituição do ensino de arte no Brasil.

Como dito anteriormente, a educadora fez outras contribuições, além da fundação da escolinha de arte, incentivou e formou alunas e outras já constituídas professoras, com entusiasmo para lidarem e atuarem na educação artística mais tarde. Além disso, ministrou diversos cursos relacionados à área buscando sempre se atualizar para compartilhar seus conhecimentos.

A professora também foi homenageada com seu nome à biblioteca do Instituto Assis Brasil, mesmo não atuando mais naquela instituição.

Em outra ocasião participou de evento que lhe conferiu papel de júri (ANEXO D) no III salão de Arte em Pelotas, no ano de 1979.

Veremos no decorrer desta dissertação que ela buscou se aperfeiçoar ao longo de sua trajetória, agregando outros cursos ao seu currículo, sobre outros vieses que contribuíssem principalmente com a educação de crianças especialmente na área da psicologia infantil e do pré-escolar.

Conhecer a trajetória da professora, mapeando todo o material que foi encontrado, assim como os documentos, objetos e entrevistas que tive acesso antes do tema ter sido definido, foi um acontecimento importante para o rumo desta pesquisa. Digo isso pois a investigação começou com o foco ajustado para a instituição que ela fundou, tendo em vista a minha formação como professora de Arte. Interessei-me em conhecer e saber mais sobre a Escolinha de Arte que hoje se denomina Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank (em homenagem à idealizadora e fundadora da EMAP) conforme adequação do nome para que a escolinha seguisse funcionando regida perante a lei de 1996 que instituía a criação de EMElis.

Deste modo baseio-me em Lopes e Galvão (2005) quando reconheço que o pesquisador deve ser capaz de associar as informações, através das indagações que faz, que aparecem através das fontes orais (entrevistas) e escritas (documentais), com o tema e com outras teorias que estudou fora do corpus documental original sobre a pesquisa. Ou seja, saber relacionar as informações conforme o conhecimento que já foi construído anteriormente, por outras teorias. E me volto a pensar sobre como compreendo a importância da arte para a educação.

O conhecimento acadêmico que adquiri com minha formação, me fez perceber na prática os impactos positivos que a arte produz na educação das crianças, pois além da minha formação em arte também sou mãe de uma aluna da EMEI Ruth Blank.

A conotação desta Escolinha (mesmo sem a denominação voltada à Arte) para a formação das crianças da educação infantil, através da expressão e das linguagens artísticas, do lúdico que envolve as brincadeiras ainda é referência na cidade de Pelotas. E não por acaso, em 2021 ela completou 58 anos de existência. Com empenho dos profissionais que hoje nela atuam (equipe diretiva, professores e funcionários) e ainda, com bastante dificuldade, tentam elevar a arte e suas linguagens (teatro, dança, música e artes visuais) para a educação dos alunos da educação infantil.

Neste contexto Silva e Zampereti (2021) trouxeram como problemática em seu artigo, após observação na EMEI Ruth Blank: Que espaços e tempos são promovidos pelos professores de Educação Infantil para favorecer a ocorrência de experiências estéticas no cotidiano das crianças? Durante as entrevistas as professoras foram questionadas nas formas como utilizavam as artes e relataram algumas situações.

Uma das entrevistadas por Silva (2021) relata que usa a arte, ou as linguagens da arte como um recurso didático e dá um exemplo de como trabalha a coordenação motora fina através da utilização da pintura.

Agora vamos fazer o seguinte: o movimento da rena quando ela sobe e ela desce, (com a cor vermelha eles brincam com o pincel). Agora a rena vai caminhar retinho e ela vai subir e ela vai descer, (fomos trabalhar aquelas linhas). Agora a gente vai trabalhar o pozinho mágico, o pozinho mágico não é o mesmo caminhar da rena! Que cor que é essa aqui? Laranja. (Por quê? Porque eu procuro ver o que a Isabel tá trabalhando em Artes que são as cores secundárias, e eu procuro ver o que a Raquel trabalha em música para eu fechar, então estou sempre procurando o quê? Complementar as

artes, então pra mim a linguagem da arte não é nenhuma dificuldade, ela é o meu recurso). (SILVA, 2021, p. 9).

O prazer dos alunos em experienciar a estética, através do aprender brincando, da forma como as aulas são abordadas pelos professores no espaço escolar são alguns dos fatores levados em consideração desde a época em que foi fundada a Escolinha Municipal de Arte. Porém a essência da livre experimentação e expressão das crianças foi substituída e redirecionada devido as atuais leis do ensino que regem a educação infantil.

Assim, percebeu-se de que não há como separar a importância que a EMAP teve, para o ensino de arte. Para isso trago à tona quem idealizou, sonhou, lutou, se preparou e percorreu caminhos que essa pesquisa almeja alcançar. No entanto, tentou-se discorrer de acordo com a interpretação realizada através do levantamento das fontes e análise dos dados que envolveram a investigação sobre a trajetória de vida da professora Ruth, com intuito de valorizar as suas contribuições para o ensino de arte no município de Pelotas.

O recorte temporal da pesquisa abrange sua trajetória de vida e tem como balizadores o ano de nascimento de Ruth Elvira Blank que foi 1925³ até o ano de seu falecimento em 1982.

Reforça-se a consideração do tema sobre a trajetória de vida da professora Ruth, pois me aproximo da questão tendo em vista a minha formação acadêmica e profissional, Bacharelado em Artes Visuais, com Habilitação em Pintura, Formação Pedagógica em Artes, especialista em Metodologia do Ensino de Artes e atualmente mestranda em Educação (História da Educação).

Desta forma me acerco entendendo que esse estudo possa contribuir para a ciência e para o futuro da docência em artes ao tentar desvelar o caminho percorrido pela professora Ruth Blank, que muito se empenhou pela valorização das artes e suas linguagens (música, teatro, dança, modelagem, desenho, pintura) no ensino e também por procurar aproximar a cultura de um público cada vez maior.

³ Contextualizando historicamente o ano de 1925 foi bem próximo à semana de 1922, um marco para a Arte Moderna, quando surgiu um importante Movimento denominado de Modernismo no Brasil. Tanto para as Artes Plásticas como para as diversas linguagens da Arte, foi uma virada para a Cultura no Brasil, tendo em vista que até aquele momento o país reproduzia muito da arte que vinha do exterior e o modernismo, por sua vez primava pelo nacionalismo, características brasileiras tanto em cores e formas nas artes plásticas, como na literatura, na música e na poesia incidindo em vários outros setores. Surgiram nomes que encabeçaram esse movimento como: Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Vila Lobos e muitos outros.

Ruth buscava se atualizar com o setor artístico e a cultura nacional e internacional, através de jornais e revistas que circulavam com notícias e assuntos relacionados a exposições, cursos e acontecimentos artísticos.

Ao me deparar com as narrativas de Déborah Blank, a irmã mais nova de Ruth Blank (que também foi professora de educação artística e é artista plástica) e todo o material que ela me apresentou, pude perceber que houve alguns percalços enfrentados por Ruth.

A falta de escolas em sua cidade natal a conduziu a estudar em Pelotas, longe de sua família quando ainda era criança, dificuldades inerentes à educação naquele período histórico que balizou sua formação entre os anos de 1929 (quando o pai, reverendo da igreja anglicana, fundou a primeira escola paroquial de Erechim) e 1982 quando a arte já fazia parte do currículo escolar⁴ e já havia sido criado os cursos de licenciatura em educação artística⁵ nas universidades do país.

Até o ano de 1982 a professora Ruth buscou elevar o papel da arte na educação, pois ao que esta investigação indica, ela entendia que a arte e a cultura deveriam fazer parte do desenvolvimento e da formação dos indivíduos e nesse momento observo mais atenta sua inquietude quanto às crianças e adolescentes (a formação dos sujeitos, em especial as crianças), culminando com a fundação de uma Escolinha de Artes para crianças e adolescentes e que também contribuiu para a formação continuada de professores de educação artística no município de Pelotas.

Assim como a professora de Arte Ruth Blank, outras professoras desta cidade, também lutaram por melhores condições do ensino de arte, bem como diversos educadores, psicólogos e intelectuais entre outros profissionais, no país. Buscavam compreender e elevar o papel da arte para o desenvolvimento humano, com muita resistência, e através de anos foi trilhada a conquista da inserção da disciplina de Arte nos currículos, embora até a atualidade ainda não seja tratada com a devida importância⁶.

⁴ Com a Lei de 1971 a educação artística foi reconhecida como disciplina.

⁵ Com a Lei de 1973 foram criados os primeiros cursos de licenciatura em educação artística.

⁶ Com uma carga horária inferior de no mínimo uma e no máximo duas aulas (de 50 minutos) por semana. Período de tempo relativamente pequeno, que não favorece a visita dos alunos a um museu, ou outros espaços que participam da cultura histórica de Pelotas, necessários para o conhecimento dos alunos. Muitas vezes o professor de Artes se utiliza da “interdisciplinaridade” para conseguir desenvolver com êxito uma aula prática com seus alunos.

Após o levantamento bibliográfico sobre trabalhos que versam sobre a docente buscou-se a originalidade desta pesquisa analisando a trajetória da professora de arte, para caracterizar as suas diversas contribuições no campo da História da Educação.

Ruth Blank se constituiu professora em Pelotas, e procurou complementar seu conhecimento através dos cursos que frequentou, alguns fora da cidade, e durante esse percurso de formação já mensurava importância para a educação, pois ministrou muitos outros cursos, todos envolvendo o ensino de arte, ela conhecia os problemas da educação a sanar e o valor que a arte agrega a formação humana.

Sendo assim, sabemos que para a historiografia é necessário que se conheça o passado para entendermos o presente, baseados nesse conhecimento podemos projetar melhor o futuro. Nesse viés inferimos que ao tentar demonstrar indícios desta trajetória, também possamos privilegiar o público pelotense ao identificar ou se reconhecer, através desta história, a importância que essa professora, de Arte, teve para a História da Educação em Arte, na cidade de Pelotas.

A movimentação (processos de formação e a sua constituição) que a professora Ruth executou em toda sua trajetória (1925-1982), infere a pensar a atual situação histórica educacional no país, em que se verifica a desvalorização da educação de modo geral, começando pela situação dos professores (mal remunerados) que investem tempo, dinheiro e dedicação para se qualificarem em suas carreiras buscando qualidade para o ensino, neste caso o ensino de arte, tanto nas escolas quanto nas universidades, pois ainda há batalhas para que se reconheça a importância da arte na educação, mas esta discussão poderá ser melhor debatida futuramente.

Deste modo podemos dizer que “a sociedade humana vive o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, no embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído”. Baseando-nos em Minayo (1993).

1 Roteiro Metodológico

1.1 Revisão Bibliográfica

Este estudo tem por objetivo investigar sobre a trajetória de vida da professora Ruth Blank, a fim de identificar as relações que contribuíram para sua relevância no campo da História da Educação. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico prévio, mapeando outros trabalhos científicos que já abordaram estudos sobre ela, e verificar a originalidade do tema de pesquisa. Foram efetuadas leituras dinâmicas sobre esses trabalhos, buscando compreender aspectos que fossem fornecer subsídios de forma efetiva e direta com o estudo sobre o tema.

Com o intuito de direcionar a busca para o tema, foi considerado o nome Ruth Blank para se ter conhecimento sobre todos os trabalhos que poderiam nos encaminhar a indícios de sua trajetória. Verificou-se que entre os trabalhos que citam o nome Ruth Blank ou Ruth Elvira Blank, não foi encontrado nenhum que tivesse como objeto de análise a trajetória de vida da professora de artes. O que nos confere acreditar na originalidade do tema.

Foram encontrados vinte e um trabalhos entre teses, dissertações e artigos, a maioria só menciona o nome Ruth Blank relacionando com a denominação da instituição escolar fundada por ela na cidade de Pelotas.

Alguns dos assuntos abordados nos trabalhos tratam sobre o método didático-pedagógico da Escolinha Municipal de Artes, um trata da desvalorização da categoria de professores temporários, outro problematiza o papel das professoras da educação infantil, dois abordam o ambiente externo (local onde foi construída a escolinha), e alguns de menor relevância para nosso escopo não serão mencionados pois só figuram o nome da instituição.

Ainda que entre os trabalhos encontrados, a maior parte dos assuntos sejam voltados a instituição da EMAP, acatou-se dois deles com características sobre a profissão de Ruth Blank: O primeiro trabalho escolhido a menciona enquanto coordenadora do MARGS (FRAGA, 2004), o segundo a descreve enquanto fundadora da EMAP (PEIXOTO, 2017). O interesse no terceiro é o contexto histórico em que foi criada a EMAP (VENZKE, 2010), já o quarto trabalho que reforçou a

metodologia através da experiência estética na EMEI, presente desde sua fundação como EMAP (SILVA, 2019), totalizando quatro, são eles:

Fraga (2004), em sua dissertação de mestrado em História, da UFRGS, aborda sobre a constituição de um grupo de intelectuais que estiveram engajados em ampliar a cultura no Rio Grande do Sul, em um período de redemocratização do regime brasileiro ocorrido na década de 1980, contudo a pesquisa trata de um novo modelo de gestão na cultura nacional, desta forma envolve um estudo sobre os museus e referencia Ruth Blank como sendo a responsável pelo Núcleo de Acervo e Divisão do MARGS.

Neste íterim⁷ Ruth Blank fazia parte do quadro de funcionários do MARGS a partir de março de 1974, no início do mesmo ano, foi professora de desenho e artes, padrão M-4, do ensino médio na Escola Normal Experimental Dom Diogo de Souza em Porto Alegre.

Ruth coordenou um projeto juntamente com o grupo de trabalho composto por seus colegas responsáveis também por outros Núcleos do Museu, e assim constam os nomes de Teniza Spinelli (jornalista), Jader Siqueira (artista plástico) e Maria Magdalena Lutzenberger (artista e professora de artes), no documento denominado de “Estudo para uma estrutura organizacional e um planejamento das atividades para o ano de 1975”, visando melhorias às condições do Museu naquele ano.

Esta leitura nos fez depreender que se fortalece aspectos da cultura intelectual da professora de arte no período em que esteve atuante em outro setor da cultura, que não fosse a sala de aula, tendo em vista a sua relação com a “educação pela arte” ou “educação através da arte”, esta inferência elevou-se através das contribuições que Ruth Blank manteve enquanto atuou no museu de arte. Esta observação aproxima-se do que o educador Moacir Gadotti (2003) diz que para Gramsci:

O princípio educacional que mais prezou foi a capacidade de as pessoas trabalharem intelectual e manualmente numa organização educacional única ligada diretamente às instituições produtivas e culturais e que para neutralizar as diferenças devidas à procedência social, deveriam ser criados serviços pré-escolares. A escola deveria ser única, estabelecendo-se uma primeira fase com objetivo de formar uma cultura geral que harmonizasse o trabalho intelectual e o manual, na fase seguinte prevaleceria a participação do adolescente, fomentando a criatividade, a autodisciplina e a autonomia. Depois viria a fase da especialização. Neste processo tornava-se

⁷ Ver capítulo sobre atuação da professora Ruth Blank no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

fundamental o papel do professor que deveria preparar-se para ser dirigente e intelectual (GADOTTI, 2003, p.139).

Essas relações nos inferem a outros aspectos (analisando possíveis leituras que foram apontadas nas entrevistas e documentos) que podem nos remeter a constituição intelectual e cultural da professora Ruth Blank, além do meio que a cercou, tanto familiar, formação escolar e profissional, e principalmente quanto estar atenta a importância da arte para a educação. Este aspecto será retomado e analisado em um capítulo posteriormente.

Sobre o segundo trabalho destacado na revisão, trata-se da dissertação de mestrado em Artes Visuais, do Centro de Artes, da UFPel, em que Peixoto (2017) relata sobre a história da fundação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, em 1963, instigando-nos a pensar sobre o curto período entre a fundação da Escolinha idealizada por ela, sua aposentadoria em 1967 (mudança para Porto Alegre), e sua atuação no MARGS de 1974 até 1978.

Através da leitura do trabalho voltado à fundação da instituição que a professora Ruth idealizou, foi possível coletar informações tanto dela enquanto professora e diretora da instituição, quanto de alguns personagens que passaram pela Escolinha, assim como alunos, funcionários e professores, que estiveram todos empenhados na constituição ou gênese da EMAP.

Peixoto (2017) descreve como se deu o processo de instauração, relata sobre quem é a sua fundadora e aponta a importância dessa Escolinha de Arte para a cidade de Pelotas. Essa dissertação respaldou-nos com algumas fontes escritas (fotografia, narrativa e documento) e que não foi possível de outra forma, devido a inacessibilidade aos arquivos durante a pandemia da Covid-19.

Venzke (2010) é autora do terceiro trabalho analisado. Na sua tese de doutorado em Educação da UFRGS, analisa e problematiza as representações da docência na educação infantil em Pelotas entre 1940 e 1960. Percebe-se o contexto em que foi criada a EMAP através do trecho:

Cabe destacar que nesses estabelecimentos educacionais, em determinados períodos, ficaram registradas as buscas por um atendimento especializado e de acordo com as orientações consideradas modernas em centros mais desenvolvidos, especialmente nas capitais — Rio de Janeiro (Então capital Brasil) e Porto Alegre (capital do RS). Isso sinaliza o caráter inovador e avançado atribuído aos espaços infantis que estavam sendo implantados ou remodelados, a fim de atender uma parcela da população

pelotense atenta às tendências mundiais e nacionais no que concerne ao atendimento de crianças pequenas. (VENZKE, 2010, p. 67).

Desta forma, o fragmento anterior, além de contextualizar o período de expansão na educação na cidade de Pelotas, também sugere quais eram os interesses políticos educacionais, no país, naquela ocasião. Na tese a autora caracteriza o fortalecimento da busca pelo conhecimento e formação de professoras para atender as escolas que estavam sendo implantadas “com os novos métodos de ensino”. Essa renovação na área da educação já vinha sendo sentida desde “o movimento do escolanovismo, em 1932, por Anísio Teixeira pautado nos ideais de John Dewey” (GADOTTI, 2003, p. 246).

O quarto trabalho relacionado nessa busca por indícios pelo tema de pesquisa, é uma dissertação de mestrado em Educação da UFPel, defendida em 2019, data em que se deu o começo da minha investigação sobre a trajetória de vida da professora Ruth Blank. Assim encontrei através de Silva (2019) alguns aspectos sobre a metodologia adotada na EMEI Ruth Blank desde a fundação da Escolinha Municipal de Arte em 1963. Esse estudo aborda sobre as experiências estéticas na educação infantil e as práticas pedagógicas desenhadas pela arte, ou seja, a educação através da arte (traduzidas em suas diversas linguagens: música, pintura, desenho, teatro de fantoches, literatura, modelagem, contação de histórias), assim como preconizava o Movimento das Escolinhas de Arte, no Brasil, que deu origem a EMA em Pelotas.

1.2 Conceitos gerais

Para embasar o tema sobre a trajetória da professora Ruth Blank nos amparamos em alguns conceitos que direcionaram a análise dos dados, que são eles: Formação de Professores (NÓVOA, 1992), Práticas docentes (TARDIF, 2002), História de Vida de Professores (ABRAHÃO, 2007).

Deste modo ao pesquisar sobre Ruth Blank, abrangeu-se categorias que pudessem respaldar teoricamente a construção da sua trajetória como professora de arte.

Ao conhecer a sua história de vida nos deparamos com seu contexto familiar, sua infância e adolescência (fase escolar), a sua formação discente e docente e as suas práticas docentes (atuação profissional) para que pudéssemos

conhecer a sua caminhada na educação e como ela participou progressivamente para a constituição dos saberes.

Desta forma foi essencial também o conceito de Trajetória amparando as análises em Goodson (1995) e Silva (2000), que consideram a trajetória que os profissionais percorrem, desde o período que compreende a infância e a adolescência, o momento de formação acadêmica e a etapa da prática docente, como influências de suas ações durante o exercício de suas profissões, neste caso no campo da educação.

Observou-se que para a professora e pesquisadora Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2007) a História de Vida de professores, é o que constitui as características de formação, as suas práticas docentes. Somando-se ao conjunto de influências que tiveram (familiar e religiosa), a sua vida acadêmica e profissional, assim como as relações que os educadores estabelecem da sociedade com a educação e o que é trazido para suas práticas.

Para Abrahão (2007) inclui-se também, à História de vida de Professores, as ideias pedagógicas e filosóficas de cunho humanista. É o conjunto destas relações que buscou-se compreender para relatar a trajetória de vida da professora Ruth Blank.

Assim compreendeu-se, através das fontes orais e escritas, sobre a formação da professora Ruth, e percebemos o que António Nóvoa (1992) nos diz que a Formação de Professores constitui o percurso educativo, pautado em modelos de ensino, integrando as relações e o conhecimento encontrado no cerne da identidade pessoal.

Deste modo essa construção também pode ser através da formação continuada compreendida pelos cursos que os professores fazem para complementar sua profissão. Nesse contexto insere-se a procura da professora Ruth Blank pelos cursos de educação continuada, assim como os cursos de extensão em sua área de atuação, para sua qualificação, e a dos outros professores.

Para Tardiff (2002) os saberes de um professor são uma realidade social materializada através da sua formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, e são também, ao mesmo tempo, os saberes dele. O reflexo de sua formação é transmitido em suas práticas docentes.

A maior evidencia das práticas docentes da professora Ruth Blank foi através da criação de uma escola própria ao ensino de arte, porem também se destacou no capítulo em que trata sobre a sua atuação docente na Escola Normal Assis Brasil (no experienciar das aulas de artes com suas alunas, aulas de desenho ao ar livre, as exposições que visitavam, os painéis que montou coletivamente), ou quando articulou a organização do Acervo do MARGS para que pudesse ser visitado tanto por alunos, professores e pela comunidade.

As suas práticas sempre envolviam a educação voltada para a arte, visando o desenvolvimento humano e a formação dos sujeitos críticos. Esses deslocamentos que a professora Ruth oportunizava tanto às alunas como as próprias colegas, para que tivessem experiências com ambientes próprios às artes e às práticas artísticas, era a sua principal característica como prática docente.

Assim, retomando o objeto da pesquisa quando busca-se compreender as contribuições da professora Ruth Blank para o ensino de arte em Pelotas, percebemos que, os conceitos de História de Vida, Formação de Professores e Práticas Docentes foram essenciais para a construção de sua trajetória, desta forma foram sendo percebidas as suas contribuições para o ensino de arte em Pelotas.

1.3 Metodologia

Como já foi dito, para a pesquisa sobre a trajetória da professora de arte Ruth Blank, utilizaremos os relatos orais, ou entrevistas semi estruturadas amparados na História Oral (THOMPSON,1998; ALBERTI, 2008), para a coleta de dados através das memórias e narrativas de alguns entrevistados que tiveram contato direto com a professora Ruth, de alguma forma, ao longo da sua trajetória. Assim como também utilizamos a Análise Documental baseando-nos em Lutdke (1986), Bacellar (2005) e Cellard (2008) para a pesquisa no âmbito da História da Educação.

O critério utilizado para a escolha dos entrevistados e ou depoentes foi começar pelos que fizeram parte de sua relação social, assim como: Família, amigos, alunos e colegas de profissão da educadora, tanto das instituições que ela trabalhou em Pelotas, quanto em Porto Alegre.

Depoentes (relato oral) consideramos os que testemunharam acontecimentos relevantes para esta pesquisa, os quais estão atrelados ao ambiente educativo (lócus) fundado pela professora Ruth Blank, mas não diretamente ao tema. Foi

utilizado esse termo para diferenciar dos entrevistados (entrevistas gravadas e transcritas), na qual a primeira depoente não foi gravada a conversa, já que foi uma conversa informal, e outros três depoimentos foram gravados, porém não foram transcritos, sem relação direta ao tema.

Desta forma levou-se em consideração o relato de conhecimento coletivo (experiência) sobre alguns aspectos da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, já que estas pessoas não conheciam ou não tiveram contato direto com a professora Ruth Blank, mas ao legado deixado por ela.

Observa Alberti (2008) que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostra, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral aproxima, assim, da escolha de "informantes" em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas-em função de sua relação com o tema estudado, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc. (ALBERTI, 2008, p. 32-33)

Sendo assim, após delimitar o tema e ter definido o objeto de estudo, procurou-se conhecer e contatar as pessoas que testemunharam em algum momento a trajetória de vida da professora, e assim integrar a grade de entrevistas (organizada em um quadro) sobre o assunto principal.

Para isso buscou-se aqueles que forneceriam maiores subsídios para a questão principal que sinaliza ao fato de como Ruth Blank contribuiu para o ensino da Arte no município de Pelotas?

Assim reafirma-se a pertinência em descrever sua trajetória de vida, elencando a sua formação pessoal e profissional, para enfatizar a importância que esta professora de Arte teve para a História da Educação em Artes no município de Pelotas.

A partir do relato de experiência de vida de algumas das pessoas envolvidas nas entrevistas pode-se ter acesso aos modos de viver (estrutura familiar), ao cotidiano escolar, social e cultural (contexto histórico) que caracterizou a realidade da educação em arte no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1980. Isso não nos isentou de também buscar referências sobre a educação no contexto anterior a esse período já que o estudo é sobre a trajetória de vida da professora.

Ao relatar os episódios sobre a vida das pessoas ou no trabalho com biografias, Bourdieu (2006), em seu texto 'A ilusão biográfica', observa que as histórias de vida não ocorrem linearmente.

O historiador precisa ser consciente de que há muito mais a ser contado ou investigado, as memórias e as narrativas não ocorrem em formato retilíneo e nesse sentido que os arquivos documentais passam a subsidiar cronologicamente as biografias (AMADO; FERREIRA, 2006, p.185).

Algumas de nossas fontes orais (entrevistados), concederam acesso aos seus arquivos pessoais constituídos por fotografias, certidões, recortes ou páginas de jornais, cadernos com anotações pessoais, objetos guardados e outros pertences dos entrevistados em comum com a professora e até da própria Ruth Blank que encontra-se sob a guarda de sua família, da irmã mais nova e do sobrinho que foi seu aluno.

Por entrevistados damos sentido aos interrogados ou questionados sobre a convivência e maior proximidade com a professora Ruth Blank. Quatro pessoas foram entrevistadas, e a gravação transcrita, houve outras tentativas no ano de 2021, porém a atual situação pandêmica (Covid-19) que vivemos inviabilizou um contato maior e assim não ocorreu a entrevista.

Sendo assim, "as entrevistas nos propiciaram também um meio de descobrir documentos escritos, fotografias, e objetos que de outro modo, talvez, não teriam sido localizados." (THOMPSON, 1998, p. 25, grifo nosso).

Muitos desses documentos pessoais são encontrados em arquivos privados, guardados pelas famílias ou empresas, cabendo ao pesquisador identificar onde se encontram guardados, assim nos indica Carlos Bacellar (2008).

Após o acesso aos diversos documentos, através dos arquivos pessoais ou privados que tivemos contato, nos valem também da pesquisa documental, tendo em vista o que confirma Cellard (2008, p. 295) que "as memórias podem alterar lembranças" e até mesmo "esquecer fatos importantes". Contando que isso possa ocorrer a intenção é entrecruzar, complementar ou justapor os dados revelados pelas fontes orais com os dados obtidos após uma pré-análise das fontes documentais, um exemplo disto é a temporalidade (período) que na maioria das vezes é preterida, ou nomes de lugares, nome de pessoas, datas e outros dados pertinentes ao tema pesquisado.

Poderão existir outros documentos e materiais impressos, que não tivemos acesso, ou até mesmo objetos que possam colaborar com nossa pesquisa, talvez em arquivos públicos⁸, porém a maioria dos locais, tanto públicos quanto privados, não estão aceitando visitas nem mesmo agendadas devido à pandemia da Covid-19, o que dificulta até mesmo pesquisar em seus acervos on-line já que poucas, das instituições que consultamos, têm este tipo de acervo, e as que possuem é bem escasso.

A seguir apresentaremos sobre um quadro organizado com as fontes orais que subsidiaram nossa investigação através das entrevistas concedidas.

1.3.1 Apresentação das Fontes Orais - Organização

Com intuito de elucidar a procedência das entrevistas realizadas, um quadro demonstrativo foi organizado a seguir, para exemplificar o que as fontes orais nos apontaram, além do material (objetos, documentos, fotografias, recortes de jornal) que foi encontrado em seus arquivos pessoais. Após a demonstração do quadro discorro sobre como cheguei a estas fontes.

⁸ A pandemia causada pela Covid-19 inviabilizou de uma maior aproximação aos locais durante o segundo período do mestrado, no ano de 2020 e 2021, dificultando também algumas entrevistas e pesquisa em arquivos que foram previstas na qualificação do projeto de dissertação.

Quadro 1 Apresentação dos entrevistados e suas contribuições para a pesquisa sobre a Trajetória da Professora Ruth Blank

Entrevistado (a)	Idade	Tipo de entrevista	Data	Local	Relação, atual profissão	Contribuição
Ana Claudia Lacau de Macedo	49 anos	Livre e informal	25/06/2019 e 14/12/2021	UFPel - FaE, bairro Centro, em Pelotas. e mídia social Whatsapp	Aluna da EMAP entre 1973 - 1982, professora de Educação Artística pelo Estado do RS.	Indicação de nomes para entrevistas.
Renata Petrucci Souto Allemand	61 anos	Semi estruturada	27/06/2019	Residência, bairro Areal, em Pelotas	Professora da EMAP entre 1980 e 1982	Indicação de alguns nomes para entrevistas, primeiro contato com a EMEI Ruth Blank
Marcia Vetromille, Marge Faria do Amaral Peixoto, Renata Allemand.	-	Livre e Semi estruturada	04/07/2019	EMEI Ruth Blank, praça Dom Antônio Zátera, bairro Centro, em Pelotas.	Diretora, coordenadora pedagógica (EMEI) e ex-professora da EMAP.	Indicação de alguns nomes para entrevistas, acesso aos cômodos da EMEI, material didático e pedagógico, um piano, primeiros bonecos de fantoche, peças em cerâmica, produzidos por professores e alunos da EMA.
Carlos Alberto Ávila dos Santos	67 anos	Semi estruturada	05/07/2019	Residência, no bairro Centro, em Pelotas.	Filho de diretora e aluno da EMAP entre 1970 e 1975, professor aposentado de História da Arte na UFPel.	Entrevista, fotografia congresso em POA Movimento Escolinhas de Arte.
Déborah Blank Mirenda	82 anos	Semi estruturada	28/10/2019	Residência, no bairro Centro, em Pelotas	Irmã da professora Ruth Blank e artista pelotense, professora de Educação Artística aposentada pelo Estado do RS.	Entrevista, acervo fotográfico de família, documentos, cadernos com anotações, certificados, recortes de jornais e revistas pertinentes ao arquivo pessoal da professora Ruth Blank.

Darley Blank Schwonke	67 anos	Semi estruturada	14/01/2020	Residência, no bairro Marina Ilha Verde, em Pelotas.	Sobrinho e aluno da professora Ruth e da EMAP, Engenheiro Civil.	Entrevista, acervo fotográfico da família, peças e artefatos artísticos e religiosos, objetos pertencentes a professora Ruth Blank.
Regina Weykamp da Cruz	76 anos	Semi estruturada	24/01/2020 e 16/12/2021.	Residência no bairro Laranjal, em Pelotas.	Aluna da professora Ruth no IEAB, Professora de Educação Artística aposentada, professora e diretora da EMAP.	Entrevista, arquivo pessoal (caderno com anotações e recortes de jornais).
Teniza Iara de Freitas Espinelli	78 anos	Relato oral Entrevista semiestruturada.	Agosto de 2021	E-mail e aplicativo de comunicação síncrona. (perguntas e respostas em tempo real)	Jornalista aposentada, colega de trabalho da professora Ruth Blank no MARGS em POA.	Relato oral, questionário via e-mail, acesso ao arquivo pessoal documentos, projeto organizacional e planejamento do MARGS (1975), recortes de jornais e cartões postais.

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora, 2021.

A sequência do quadro 1 foi estabelecida de acordo com a ordem em que ocorreram as entrevistas, porém alguns trechos dos depoimentos foram inseridos posteriormente de acordo com o teor da escrita a partir das análises, procurando demonstrar alguns aspectos que passaram a subsidiar a pesquisa.

Além do perfil do entrevistado demonstrado no quadro, outro fator que nos interessou evidenciar sobre a metodologia adotada para a pesquisa com História Oral foi o tipo de entrevista, mais uma vez amparados em Alberti (2008) optamos pela entrevista que privilegia as histórias de vida dos entrevistados também, pois entendemos que as trajetórias se encontram ou perpassam em algum momento, tendo em vista também a profissão de quase todos ser a mesma da professora Ruth, e não só a profissão, como o interesse pela arte e a cultura que foi desenvolvida e ampliada durante o percurso de suas vidas.

Observa Alberti (2008, p. 38-39):

Por exemplo, se no estudo de determinado tema for considerado importante conhecer, comparar as trajetórias de vida dos que nele se envolveram, será aconselhável realizarem-se entrevistas de história de vida. Ou, por outra, se a pesquisa versar sobre determinada categoria profissional ou social, seu desempenho, sua estrutura ou suas transformações na história, torna-se igualmente aconselhada a opção entrevistas de história de vida.

Com o trecho procurou-se reforçar o que embasa o foco nas entrevistas, onde buscamos mantê-las como uma conversa que começa pelo relato da trajetória de vida de cada um, buscando conhecê-los primeiramente e entender onde as histórias se cruzam com a história de vida da professora e qual o papel que cada entrevistado (campo de atuação) alcançou durante o percurso que envolveu a vida de Ruth Blank.

Minayo (1993, p. 22) considera, na pesquisa social, que as pessoas envolvidas na pesquisa, constituem-se em “determinadas condições sociais, sujeitos de estudo, pertencentes a um grupo ou classe com suas crenças, valores e significados que estão em permanente transformação”. Desta forma, reforça-se que foi observada a coesão cultural do grupo escolhido para as entrevistas, com a intenção de estabelecer ligações entre a educação e a arte.

Após a descrição dos critérios utilizados para a realização das entrevistas seguimos com os apontamentos revelados através das fontes orais.

1.3.2 As Fontes Orais

Seguindo a sequência do quadro 1 que teve por pretensão organizar a apresentação das fontes orais, apresentaremos breve relato sobre o que cada entrevistado (ª) ou informante nos revelou:

Ana Claudia Lacau de Macedo, ex-aluna da EMAP entre os anos de 1973 a 1982, atual professora de Arte de uma escola estadual em Pelotas, através de uma conversa informal (com perguntas abertas da pesquisadora) explicitou detalhes de como eram as aulas na Escolinha.

Ana não foi aluna da professora Ruth Blank, nem mesmo a conheceu, tendo em vista o período que frequentou ser posterior ao de atuação docente da professora. Pela pouca idade, na época, não se lembra de ter contato com Ruth Blank, mas lembra de ouvir falar muito nela por ter sido a fundadora e idealizadora do modelo pedagógico (novidade para o período na cidade) adotado na Escolinha

Municipal de Artes que ela frequentava em Pelotas, e que estudou pelo maior tempo que poderia.

Essa tendência pedagógica vigorou com maior intensidade em 1948, no Brasil, por intermédio de Augusto Rodrigues, segundo ele, o modelo já era adotado por outros países. A intenção era de renovação nos processos de educação, através de uma educação criadora e expressiva para as crianças em um período pós-guerra de grande repressão mundial (1945). O assunto será abordado posteriormente dentro do contexto educacional (1963) em que foi criada a EMAP.

No mês de Junho de 2019, quando tivemos o primeiro contato através da apresentação de um trabalho em sala de aula, em uma das disciplinas do mestrado em educação da UFPel, o tema desta pesquisa era mais amplo e o assunto do trabalho era outro, por isso a conversa com a colega Ana Lacau (como a chamamos na aula) não foi gravada, visto que se tratava de um encontro na disciplina daquele semestre.

É importante mencionar que tratamos por depoentes aqueles que nos subsidiaram com informações (relatos orais) sem ter sido gravada a entrevista, desta forma não caracteriza como método da História Oral.

Outra depoente foi a Professora de Arte Renata Petrucci Souto Allemand, indicada por Ana Lacau para entrevista. Sua contribuição foi muito importante para acesso a outras fontes orais, embora ela não tenha conhecido a professora Ruth Blank quando trabalhou na Escolinha de Artes do município entre 1980 e 1982, além de facilitar a aproximação da pesquisadora com a atual direção da EMEI, também indicou outros nomes como possibilidade de entrevista, assim como o ex-aluno e ex-professor de modelagem da Escolinha de Arte o Sr. José Carlos Aldeia Martins. Na ocasião em que contatamos o professor, infelizmente, ele estava impossibilitado de conceder entrevista.

Dentre outras indicações da professora Renata Allemand, surgiu a oportunidade de irmos juntas visitar a Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank e conversamos com a diretora Márcia Vetromille juntamente com a coordenadora pedagógica Marge Faria do Amaral Peixoto. Mais uma conversa informal.

A visitação à EMEI Ruth Blank ocorreu no dia 04 de Julho de 2019, e o objetivo era conhecer aquele espaço educacional e observar sobre como era formado o ambiente idealizado pela professora Ruth Blank para a educação de crianças através da arte em suas diversas linguagens (música, pintura, desenho,

teatro de fantoches, cerâmica, modelagem, pintura em porcelana e contação de histórias/literatura).

Ali tive acesso aos materiais didático/pedagógicos da época da fundação da EMAP como os bonecos de fantoche o Pipoca e o Rapadura, peças em cerâmica que foram criadas por alguns professores que passaram por lá, assim como também um piano antigo que faz parte do acervo da Escolinha Municipal de Arte desde os primeiros anos de sua fundação, sendo que este aguarda por uma restauração. Segundo Marge Peixoto (2017, p. 67):

A Escolinha Municipal de Artes de Pelotas possuía um piano e manteve ele até 1998. Muitas vezes a professora Aury utilizava-se dele para dar suas aulas, enriquecendo o trabalho e fazendo os alunos conhecerem e escutarem o som que este instrumento musical tão lindo proporciona.

Esses objetos e materiais pedagógicos (fantoques, peças em cerâmica e o piano), consideramos relevantes bem como a sua representação na cultura escolar⁹, já que fez parte das práticas escolares cotidianas desde a época em que foi fundada a Escolinha Municipal de Arte pela professora Ruth Blank.

Podemos agora relacionar que esses objetos podem remeter ou até evidenciar as práticas escolares adotadas na Escolinha de Arte. Segundo Faria Filho *et al* (2004, p. 14).

Todos sabemos que uma das dimensões fundamentais dos estudos sobre as culturas escolares é aquela que enfoca as práticas escolares. Aliás, para alguns de nós, o estudo das práticas é a pedra de toque da renovação dos estudos históricos em educação.

Esses são elementos que podem também subsidiar o entendimento de como eram conduzidas, neste caso, as aulas de teatro de bonecos, modelagem e música nesta instituição voltada à educação através da arte. Faria Filho, et al. (2004) menciona que os “dispositivos pedagógicos” são utilizados como recursos que sugerem “normas e práticas” seguidas pelos profissionais docentes como “facilitadores” de determinadas aulas não somente pelos professores primários como todos os outros.

⁹ Em alguns momentos observou-se sobre a cultura escolar, mas não foi uma categoria a ser analisada separadamente.

A seguir seguem imagens como exemplo dos recursos pedagógicos que eram utilizados em aulas da Escolinha Municipal de Artes de Pelotas.

A Figura 1 mostra o piano na aula de Música:



Figura 1. Fotografia Aula de Música, com o piano ao fundo da sala. Local: Escolinha de Arte Municipal de Pelotas.

Fonte: Peixoto, 2017, p. 67. (Acervo da EMAP).

Quanto ao piano que aparece na Figura 1, não foi registrada uma fotografia atual, pois está resguardado à espera de manutenção e restauração. A seguir segue outra imagem (FIGURA 2) de objetos artísticos, produções das aulas de modelagem em argila e massa de pão, que fazem parte do acervo da EMEI Ruth Blank, na atualidade:



Figura 2. Objetos artísticos em cerâmica, período da EMAP e pintura em tela ao fundo.
Fonte: Da Autora, 2019. (Acervo da EMEI Ruth Blank)

Estes objetos ficam dispostos em cima de um móvel de madeira antigo (armário escuro, com portas de vidro), que também está inserido no ambiente escolar desde os primeiros anos de instauração da EMAP. Segundo informações da diretora Márcia Vetromille e da pedagoga Marge Peixoto, esse acervo é constituído por peças que provavelmente foram produzidas na própria Escolinha de Arte (em períodos diversos), são diferentes técnicas aplicadas após a modelagem em argila.

Algumas peças em argila eram levadas ao forno (com sala própria) para a queima (curar a peça), por isso esse procedimento era realizado pelo professor de modelagem ou um auxiliar, mas nunca pelas crianças. A argila após o processo de “queima” (elevada à temperatura entre 200°C e 400°C) no forno, se transforma em uma peça de cerâmica.

Segundo relato da professora Regina outra técnica muito utilizada para as aulas de modelagem na Escolinha era com massa de pão, as peças depois de moldadas pelas crianças eram levadas para assar, no forno a gás da cozinha. (Regina Weykamp da Cruz, 24/01/2020).

Como parte do acervo pedagógico da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas também foram apresentados os fantoches Pipoca e Rapadura que eram utilizados nas aulas de teatro de bonecos, assim como mostra a figura 3:



Figura 3 Professoras Renata Allemand e Marge Peixoto com os Fantoques Pipoca e Rapadura.
 Fonte: Da Autora (acervo da EMEI Ruth Blank), 2019.

Na Figura 3 a ex-professora (1980-1982) Renata Allemand segura a dupla de fantoches Pipoca e Rapadura, enquanto lembra com carinho dos bonecos no período em que ministrou aula na EMAP, juntamente com a coordenadora pedagógica Marge Peixoto da EMEI Ruth Blank (em 2020) que segura outra dupla de fantoches em uma versão atualizada de Pipoca e Rapadura.

Na sequência, conversamos com o professor de História da Arte da UFPel Carlos Alberto Ávila dos Santos (Beto Santos), que também foi aluno da EMAP em um período posterior à atuação profissional da professora Ruth Blank. Sua mãe, Geny Ávila Santos, foi professora de modelagem e artes plásticas no período de fundação da instituição e posteriormente diretora da Escolinha também.

O professor disponibilizou uma fotografia dele com Augusto Rodrigues em participação do 1º Encontro Estadual de Escolinhas de Arte, em Porto Alegre, no ano de 1977. Na ocasião, diversos professores e alunos de Artes participaram desse evento devido ao grande número de Escolinhas de Arte que já haviam se instaurado no país (LEAL, 2021).

As informações obtidas desta conversa ficaram a cargo de suas memórias e narrativa (de ex-aluno) a respeito do ambiente da EMAP e da metodologia que era

utilizada a partir do movimento preconizado por Augusto Rodrigues através da Escolinha de Arte do Brasil.

O relato de Beto Santos contou para esta pesquisa como uma retomada da conversa que tivemos com a coordenadora pedagógica que realizou sua dissertação de mestrado sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (PEIXOTO, 2017). Sua narrativa de experiência com o MEA também nos conduziu a confirmações sobre o assunto, encontradas da dissertação de Peixoto (2017) sobre a EMAP.

O professor Beto Santos também revelou a importância do professor José Carlos Aldeia Martins para contribuir com as entrevistas sobre a Escolinha Municipal de Artes de Pelotas, deste modo foi feita mais uma tentativa sem sucesso.

Para a apresentação dos próximos entrevistados, serão mencionados através de trechos de suas entrevistas, pois estas entrevistas foram transcritas e seus dados analisados, farão parte de temas relativos aos capítulos que tratarão sobre a família, a formação e a profissão de Ruth Bank.

1.3.3 Apresentação das Fontes Escritas

Objetivando condensar as informações extraídas, para esta pesquisa, a partir dos documentos escritos que nos foram sendo apresentados, disponibilizados tanto através dos arquivos privados de nossas fontes orais (que foi em sua maioria) quanto o que descobrimos através da pesquisa virtual, ou arquivos públicos (que foi a minoria), nos utilizamos da pesquisa documental porque:

Os documentos constituem uma fonte importante de onde podem ser retiradas informações que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto, cabendo ao pesquisador saber fazer as perguntas certas para obter a interpretação mais adequada. (LUDTKE, 1986, p. 39).

Desta forma, evidenciou-se a importância da fonte documental escrita para esta pesquisa quando a intenção foi de complementar as análises referentes aos dados que foram sendo extraídos através das fontes orais (entrevistas, informações, conversas informais). Consideramos também que:

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível

em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

A partir do que Cellard (2008) constata, considerou-se também a relevância que os documentos escritos assumiram nesta pesquisa para que qualificasse a compreensão dos acontecimentos narrados, através dos relatos orais. Talvez não seria possível interpretarmos o percurso da trajetória de vida da professora Ruth Blank, se não fôssemos também conduzidos pelos registros escritos que contextualizou períodos encontramos.

Bacellar (2005) confirma a importância dos documentos para a pesquisa quando estão atrelados ao tema, e a esta questão podemos dizer que nos documentos encontrados, há vários indícios do processo de formação da professora Ruth Blank, de sua atuação profissional e sobre a sua estrutura familiar. Para este autor, "encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa." (BACELLAR, 2005, p. 14).

Para isso pode-se dizer que a pesquisa foi pautada nas afirmações dos autores que tratam sobre as Fontes Documentais (LUDTKE, 1986; BACELLAR, 2005; CELLAR, 2008) apontados.

Como mencionado anteriormente, os documentos utilizados para a análise de dados que cercam esta pesquisa foram encontrados em sua maioria nos arquivos privados e pessoais dos entrevistados, bem como as certidões ou atestados de conclusão de cursos que a professora Ruth participou ou ministrou, de fotografias e recortes de jornais da época em que viveu, de caderno com anotações próprias dela, caderno de entrevistada, objetos artísticos e religiosos que pertencem à família, livros, revistas, manuais e programas que fizeram parte do contexto educacional do período estudado.

O acesso aos arquivos públicos durante a pandemia do Covid-19 foi negado, na maioria das vezes, ou restrito após algumas tentativas pode-se ter acesso. A visita presencial para a pesquisa foi possível somente no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) – Ado Malagoli, em Porto Alegre, já o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, em Pelotas, o atendimento, com acesso ao acervo se deu através de e-mail.

Outro arquivo público que também contribuiu com empréstimo de materiais (livros e revistas) para a pesquisa foi o Centro de Documentação-CEDOC do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação da UFPel.

O material encontrado no MARGS se constituiu de catálogos de exposições que mencionavam o nome da professora Ruth Elvira Blank como funcionária, mas não constavam fotografias ou imagens de eventos, em que ela aparecesse, nem mais alguma informação sobre a servidora. Apesar disto, nesta instituição recebemos indicações importantes sobre algumas fontes orais, onde foi possível realizar uma entrevista com uma ex-funcionária do Museu, sobre a professora Ruth Blank, esse contato também possibilitou nos auxiliar com as fontes documentais através do seu arquivo pessoal. E aqui destacamos a relevante importância que os arquivos pessoais têm para complementar dados extraídos de arquivos públicos, por exemplo:

Arquivos Pessoais, portanto, são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2022).

A importância que os arquivos privados alcançaram para a pesquisa biográfica, ou sobre a vida cotidiana é o que nos aproximou nesta análise, tendo em vista que no teor do conjunto de documentos encontrados neste tipo de arquivo nos deparamos com uma parte importante da trajetória profissional da professora Ruth Blank, atrelada a momentos que marcaram uma fase igualmente profissional da colega de trabalho da professora, que tão gentilmente nos ofertou auxílio sobre os documentos que nos serviram para a pesquisa.

2 A Escolinha de Arte do Brasil

A Escolinha de Arte do Brasil (EAB), fundada por Augusto Rodrigues em fevereiro de 1948 teve papel essencial nos cursos para a formação continuada de professores de arte, buscando sempre “engajar sua pedagogia no respeito à liberdade de manifestação artística da criança” (FREITAS, 2008, p.1).

A Escolinha se abriu à cultura brasileira, com exposições de arte do povo e de artistas como Mestre Vitalino¹⁰ e Heitor dos Prazeres¹¹.

Por lá passaram grandes entusiastas com suas contribuições para o desenvolvimento do ensino de arte, assim como artistas, jornalistas, educadores, cientistas, políticos, psicólogos, psicanalistas. Foram instauradas inúmeras outras Escolinhas por todo o Brasil, sendo o Rio Grande do Sul o Estado com maior número de Escolinhas de Arte¹², o ensino através da arte começava a ganhar maior proporção tanto nas escolas públicas de 1º e 2º graus como nas privadas que já desenvolviam mais as atividades artísticas nos seus currículos.

Na década de 1970 com intuito de criar um canal de comunicação entre todas as Escolinhas de Arte que estavam eclodindo por todo o país, foi criado o Jornal Arte & Educação pela Escolinha de Arte do Brasil.

A partir da implantação desse modelo de educação em arte, ressaltou-se a preocupação com essa filosofia na escola pública, resultando uma série de convênios para os cursos de treinamento e reciclagem dos professores.

Assim os cursos de licenciatura em Educação Artística foram criados em 1973, com duração de dois anos (a licenciatura curta) para preparar os professores polivalentes. E ao recorrermos a Barbosa (2014) observamos que os estados que mais se aprimoraram no sentido de preparar e orientar esses docentes foi o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Com isso no ano de 1977 o MEC cria o PRODIARTE (Programa de desenvolvimento integrado de Arte e Educação), dirigido por Lúcia Valentim, visava integrar Cultura e Comunidade escolar.

¹⁰ Vitalino Pereira dos Santos (Ribeira dos Campos, Caruaru, PE, 1909 – Alto do Moura, Caruaru, PE, 1963). Ceramista popular e músico. Conhecido como Mestre Vitalino, o artista se notabiliza por suas peças de cerâmica que trazem figuras inspiradas nas crenças populares, em cenas do universo rural e urbano, no cotidiano e nos rituais.

¹¹ Heitor dos Prazeres (Rio de Janeiro, RJ, 1898 - Rio de Janeiro, RJ, 1966). Compositor e pintor. Importante nome da cultura popular brasileira, como músico, participa da fundação de grandes escolas de samba cariocas, como Portela e Mangueira.

¹² Para saber mais sobre a Escolinha de Arte do Brasil: BRITTO, J.M. 60 anos de Arte & Educação através da Escolinha de Arte do Brasil, 2008, RJ.

A professora Ruth Blank participou do Seminário nacional do PRODIARTE (anexo E) e fez parte da equipe que elaborou esse projeto no Rio Grande do Sul, assim como consta na imagem do material impresso que data do ano de 1981:

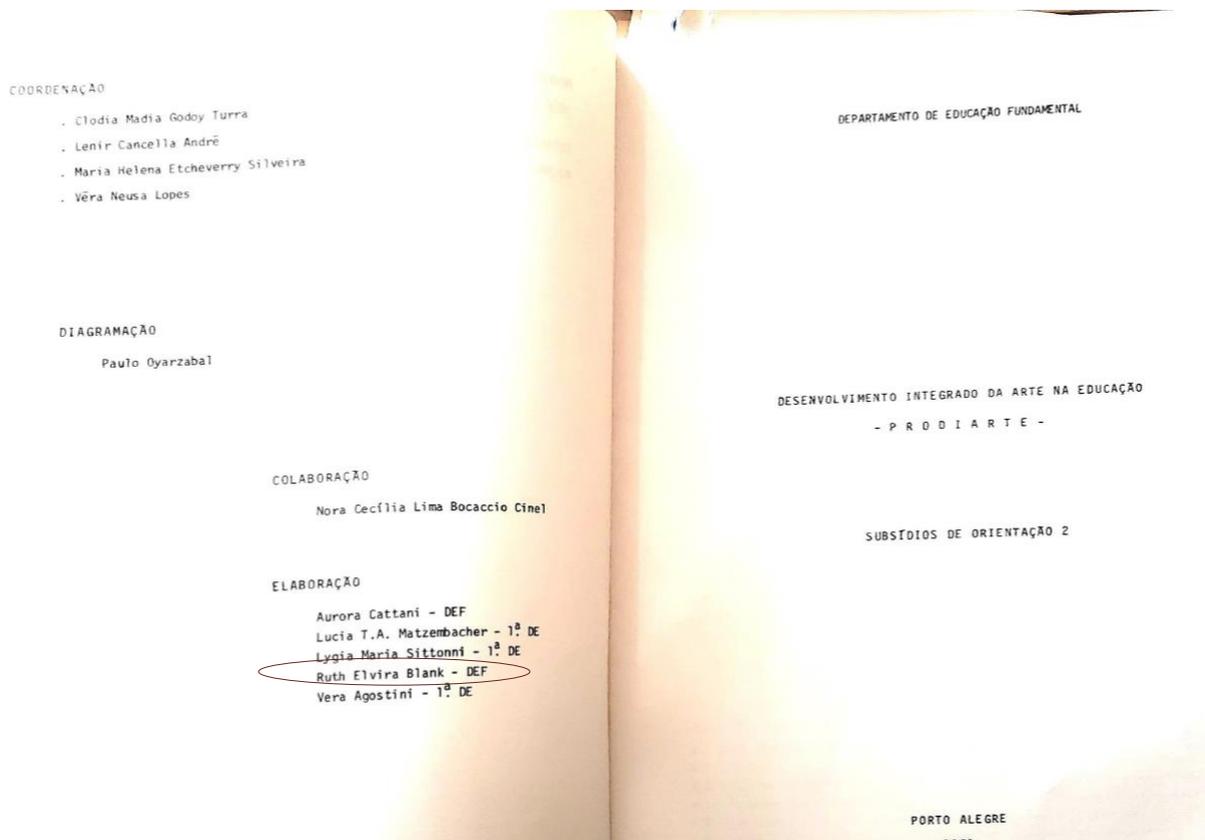


Figura 4 Projeto de Desenvolvimento Integrado da Arte na Educação, 1981. Porto Alegre, RS.
Fonte: Acervo Eduardo Arriada

Esse programa tinha como objetivo geral “concorrer para a expansão e a melhoria da educação artística na escola de primeiro grau” e como objetivo específico “enriquecer a experiência criadora de professores e alunos, promover o encontro entre o artesão e os alunos e valorizar esse artista e sua produção junto da comunidade”, relata Barbosa (2014, p. 11).

Na década de 1980 surgiu a Proposta Triangular através da arte-educadora Ana Mae Barbosa como uma opção de ensino diferenciado que sugere o ensino de arte através de uma revisão na História da Arte e não somente como conceber a arte pela livre expressão. Isso incluía articular a contextualização, as leituras e o fazer artístico, para que o estudante pudesse ter uma noção mais ampliada de

mundo. Essa concepção parece ter dado certo tanto nos espaços universitários, como escolas de ensino infantil, fundamental e médio.

Apesar da evolução que o ensino de arte teve em decorrência de todas as transformações que sofreu, ainda é comum vermos professores de outras disciplinas ministrando aulas de artes. Ainda falta interesse por parte de muitas escolas para que se efetive essa educação de forma mais qualitativa, respeitando a área e o professor. Na maioria das escolas ainda há falta de laboratórios de artes, ateliers, salas especializadas para cada modalidade e linguagem.

O subcapítulo a seguir trata o contexto do ensino de arte no período entre 1960 e 1980, atuação docente da Professora Ruth Blank que perpassa a época de implantação das leis de diretrizes e bases que inicialmente regeram a arte na educação brasileira.

2.1 O Ensino de Arte entre 1960 e 1980

Para contextualizar a educação em artes na pesquisa sobre a trajetória de vida da professora Ruth Blank, buscamos contemplar o período que vai de 1960, ou seja, o que antecedeu (projeto) a fundação da Escolinha Municipal de Arte em Pelotas idealizada por ela, até o início dos anos 80, marcado pelo seu falecimento.

Para assinalar esse período da História da Educação, passamos a relatar sobre a importância que o ensino de Arte assume a partir das percepções através das práticas em sala de aula por parte de alguns professores, neste caso trazemos a observação da professora Ruth Blank, sobre as dificuldades que eram percebidas diariamente, a falta de preparo e de orientação dos professores que estavam se formando, e a falta de uma lei que amparasse a necessidade de ter arte no currículo escolar, bem como a preparação de profissionais para exercê-la.

Desta forma procurou-se exemplificar através de um trecho do Relatório que a professora Ruth Blank redigiu constatando sobre as aulas de artes no ensino secundário em Pelotas, no ano de 1960, que reforça a fragilidade do ensino de arte em um período anterior.

Em seu relatório de 1960 a professora Ruth se refere ao ensino secundário relativo à formação das professoras normalistas, quando menciona “Nossas normalistas tem trazido do curso secundário muito pouco conhecimento de desenho, o que nos obriga, quando necessário, na Divisão de Cultura Geral - DCG, fazer uma

revisão e ampliação destes conhecimentos.” (BLANK, 1960). O trecho reforça a preocupação com a formação das futuras professoras.

Em decorrência de transformações nas leis que regem a educação brasileira e falta de atenção que pudesse estruturar o ensino de arte, foi estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4.024 de 1961 que determinava: “Título VII – Da Educação de Grau Médio. Art. 38 – Na organização do ensino do grau médio serão observadas as seguintes normas: IV – Atividades complementares de iniciação artística.” (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO, 1961).

É nessa conjuntura que a arte começa a ser inserida legalmente na educação brasileira, estabelecendo alguma importância através dessa instauração na LDB nº 4.024/61, mesmo sendo como iniciação em artes aplicadas, e somente nos dois últimos anos do Primeiro Grau.

No Segundo Grau, composto de disciplinas obrigatórias e optativas estabelecidas pelo Conselho Federal e Conselhos Estaduais de Educação, o ensino de artes era ministrado de forma optativa, obedecendo às normas para o ensino de 2º grau como prática educativa artística ou útil.

Compreendendo a determinação que deliberava a Lei nº 5.692 de 1971 passa a se considerar a nomenclatura Educação Artística de fato, elevando a sua integralização no currículo escolar e sua posição como atividade artística.

O ano de 1971 ficou marcado pela reforma educacional e a LDB nº 5.692/71 que definiu a obrigatoriedade do ensino de arte e com isso a prática da polivalência: artes plásticas, música e artes cênicas (teatro e dança) deveriam ser ensinadas por um único professor da primeira a oitava séries.

Assim a Educação Artística, passou a fazer parte dos currículos escolares como atividade educativa. Caracterizado por um modelo de ensino tecnicista, uma atividade que deveria fazer parte dos currículos escolares, no entanto, sem perdas para o aluno. O educando não reprovava em tal componente curricular mesmo ele fazendo parte da Educação Básica, pois a Educação Artística, segundo o Parecer nº 540/77 “não é matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses.” (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 38).

Ainda em 1971 foi firmado convênio entre o Ministério da Educação e a Escolinha de Arte do Brasil, para implantar treinamentos para as Secretarias de Educação onde estas orientaram através de cursos a implantação da nova disciplina

aos seus representantes de cada estado brasileiro. Os professores que já tinham o curso de desenho tiveram que voltar para a faculdade para fazer uma atualização curricular neste período.

Destaca-se que a época foi marcada historicamente pela efervescência nas produções artísticas no Brasil, fase que havia repressão, censura e resistência, de uma ditadura civil militar, que começou em 1964, e que na década de 1980 já se encaminhava para os últimos anos no país.

Desta forma atento-me em não ter encontrado nenhum indício de influências políticas em sua trajetória, não podemos afirmar, mas embora o contexto do país estivesse passando pelo cenário político e social já mencionado, o que percebeu-se foi a preocupação da professora em aproximar a arte daqueles que pouco tinham acesso, principalmente as crianças, os adolescentes e professores, e a comunidade. Características evidenciadas ao longo de sua trajetória docente, demonstradas em alguns de seus escritos, no material coletado sobre a época em que trabalhou no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

O capítulo a seguir trata sobre o contexto familiar da Professora Ruth Blank, em seguida discorreremos sobre a sua formação discente e docente.

3 Contexto familiar de Ruth Blank

3.1 Ruth Blank - As origens de uma vida voltada à educação sob orientações da Igreja Anglicana

Para caracterizar uma trajetória, a trajetória de uma vida voltada à educação, assim como a de Ruth Blank, entendemos que o mais prudente seria começar pelo seu nascimento, sim pois, poderíamos começar relatando a partir de como se tornou professora, mas entendemos que o contexto familiar poderá respaldar algumas lacunas durante a descrição sobre a sua trajetória de vida e todo seu processo de formação.

Ruth Elvira Blank nasceu no dia sete de setembro de mil novecentos e vinte e cinco, quando a cidade de Erechim, no interior do Rio Grande do Sul, era denominada de Boa Vista do Erechim. Conforme a Figura 5 do recorte de jornal Estandarte Cristão:



Figura 5 Recorte do Jornal Estandarte Cristão, participando nascimento de Ruth Elvira Blank
Fonte: Acervo família Blank

O Estandarte Cristão é um periódico de circulação interna da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil que circula desde 1893 e que relata o trabalho realizado pela Igreja, incluindo editais específicos com a temática educacional. (DREY, 2014, p.10)

Seu pai Alberto Blank, era reverendo da Igreja Anglicana e responsável pela paróquia da vila de Paiol Grande, no Município de Boa Vista do Erechim. Em outubro de 1924 casou-se com Carmelita da Rocha Mendes, a mãe de Ruth, que era organista da igreja em Passo Fundo.

Na sequência nasceram os irmãos de Ruth Blank: Esther Angélica em 1926, Joel Alberto em 1927, em 1930 Miriam Madalena, Déborah em 1934 e Joás João em 1935. Conforme registrou Joel Alberto Blank¹³, em sua biografia intitulada “Voa o Tempo” (2020).¹⁴

Assim inferimos que a primeira escola que Ruth e seus irmãos frequentaram foi fundada por seu pai, em 1929. A respeito disto, observa o seu irmão Joel (2020) quanto à escola:

[...] Após ter sido elevado à função de presbítero em Rio Grande, meu pai assumiu a paróquia Jesus Cristo em Erechim, onde construiu com suas próprias mãos o templo de madeira, fazendo também os móveis: púlpito, altar, bancos e demais mobiliário. [...]
 [...] também foram erguidos um salão paroquial e a residência pastoral [...]
 [...] entre o salão paroquial e as dependências da residência surge a Escola Paroquial Barão de Rio Branco, que veio a tornar-se o reconhecido Instituto Barão do Rio Branco. (BLANK, 2020, pp. 19,20)

Segundo Joel Blank o templo foi construído por seu pai, com poucos recursos. Ele conta que uma parte dos subsídios financeiros conseguiu com os Estados Unidos, e os maçons contribuíram com outra parte, pois a maioria dos reverendos integravam a ordem. Para o salão paroquial e a residência pastoral arrumaram verbas com a venda de uma propriedade dos avós maternos (herança de sua mãe) e assim surgiu a escola Barão de Rio Branco com cinco alunos iniciais.

Conforme o relato de Joel sobre o pai ter construído, com suas próprias mãos, o templo Anglicano de Erechim, assim como todos os móveis, ficou evidente que o Reverendo Alberto Blank era habilidoso aos trabalhos manuais em madeira,

¹³ Joel Alberto Blank, o terceiro irmão de Ruth Blank, nasceu em 1927, também em Erechim/RS. Formou-se em engenharia civil pela UFRGS, Deu aulas no SENAC e trabalhou em grandes empresas como Varig, Fornasa, Importadora americana, Springer, Companhia Geral de Indústrias, Arcon, Walter D. Fisher, Aeromot, Metalúrgica Universal e Petrofab, seu maior orgulho é ter sido exaltado a mestre Maçom em 1985. (informações coletadas do livro biográfico Voa o Tempo)

¹⁴ Voa o Tempo, biografia de Joel Alberto Blank, edição de 2020, revisada por Caco Belmonte, capa Denise N.Blank e Julia N. B. Camozzato, assessoria editorial Mirian H. Gress.

pelo detalhamento de sua descrição no livro. O que se confirma com o depoimento de Darley Blank Shwonke (assim como o tio Joel Blank, também é engenheiro civil), filho de Esther, neto do reverendo Blank.

Segundo Darley, o avô também construiu móveis em madeira para outras paróquias anglicanas e cita como exemplo uma igreja situada em Canguçu no interior do Rio Grande do Sul.

Deste modo infere-se que o pai de Ruth exerceu influências em seus filhos, e as suas habilidades manuais é uma delas, além do pioneirismo em construir escola preocupado com a propagação da educação anglicana na época em que as escolas da Igreja Católica predominavam na área da educação.

Na Figura 6 aparece Ruth Elvira sentada à esquerda de seu pai e Esther Angélica, a primeira sentada, a primeira da direita para a esquerda, na segunda fila.



Figura 6 Reverendo Alberto Blank, com Ruth, Esther e alunos da Escola Paroquial Barão do Rio Branco
Fonte: DREY (2013).

A fotografia (FIGURA 6) registra o reverendo Alberto Blank no centro, na companhia de suas filhas e demais alunos da Escola Paroquial de Erechim (DREY, 2013, p. 83).

A escola era mista, pois os anglicanos assim como os maçons defendem que não deve haver diferenças entre homens e mulheres, devendo ter direitos iguais para todos (BLANK, 2020). Esse também era um diferencial nas escolas vinculadas à educação anglicana, reforça ele (BLANK, 2020, p. 21)

O irmão de Ruth ainda descreve que a preocupação do pai não era somente com o trabalho eclesiástico, como também com a educação, essa era sua missão e vocação. A esse respeito sobre a educação, no artigo publicado por Drey (2014, p. 20):

Com os novos methodos de educação progressiva, escola activa, socializande podemos ainda melhor cultuar o passado, fazer que o discípulo busque voluntariamente conhecer o trabalho, o heroismo , os sacrifícios, a abnegação e as glórias de nossos ancestraes. Como observou alguém, 'shola' é recreio e a escola, em latim, era os 'ludi' ou 'brincos'[...] Não se educa sem despertar interesse, sem accordar o amor no animo da criança. O educador tem de ser psychologo e um observador de qualidades distinctas. Precisa corrigir os defeitos da educação do lar, ainda tão difficiente entre nós. Deve olhar para o alumno como um futuro membro da sociedade, sobre cujos hombros irá descansar o patrimônio glorioso das conquistas da civilização até hoje alcançadas através de indizíveis canseiras. Não há tarefa mais bella, mais nobre e nem mais digna que a do educador consciente. [...] Educar não significa apenas transmitir conhecimentos úteis, mas sobretudo inculcar no espírito do alumno a confiança em si mesmo (ESTANDARTE CRISTÃO, 1935, p.3).

Na citação observada por Drey (2014) que mostra o recorte do periódico da Igreja Anglicana, Estandarte Cristão, de 30 de janeiro de 1935, fica evidente a preocupação da Igreja Anglicana com a educação das crianças, socializá-las e torna-las interessadas na aprendizagem e confiantes.

A partir da escola paroquial Barão do Rio Branco em Erechim, que o pai de Ruth, o reverendo anglicano Alberto Blank construiu e fundou, configurou-se como sendo a primeira que ela e seus irmãos estudaram na infância. Todavia podemos perceber, após a leitura do recorte do periódico da igreja, que esse era o ambiente, o qual Ruth Blank estava familiarizada desde muito cedo, o escolar. Confirma Déborah B. Mirenda, a irmã mais nova:

Bem, nós morávamos em Erechim, e ela veio para estudar (em Pelotas) no Colégio Santa Margarida, porque lá onde eu nasci não tinha escolas para dar sequência nos estudos, era uma vila que se chamava Boa Vista do

Erechim, e quem iniciou a escola foi meu pai, até hoje tem o nome que meu pai escolheu, tem no livro escrito pelo Joel, que um dia vou te dar pra tu ler. (Déborah B. Mirenda, 30/09/2019).

O colégio Anglicano Santa Margarida, em Pelotas, teve importante contribuição à formação de Ruth Blank, veremos mais sobre essa escola em um capítulo próprio.

Segundo relatou Déborah Blank Mirenda¹⁵, Ruth era muito dedicada à leitura, aos estudos e ao trabalho, tanto que nunca casou. Viveu para sua profissão como educadora.

Esta narrativa nos sugere elencar, o que Joel Blank (2020) narra em sua biografia que, enquanto alunos, “o pai era grande incentivador à leitura de todos, pois dizia que os livros eram importantes para obterem conhecimentos gerais”. E segue o relato, no livro, enfatizando que o Reverendo Blank por ter estudado em Porto Alegre, ainda estabelecia contato com uma tradutora da livraria e editora Globo, e foi esse contato que facilitou o acesso aos lançamentos de boas obras, assim como ele lembra: Tesouro da Juventude, Os Piratas e Os Bichos da África.

O irmão de Ruth ainda reforça que seu pai sendo educador e Reverendo da Igreja Anglicana possuía em seu escritório uma grande coleção de livros até mesmo em outras línguas. Joel também assinala que o pai era um homem que falava e compreendia bem tanto a língua portuguesa, como a inglesa e a alemã.

A Figura 7 é um exemplo da grande enciclopédia (de 18 volumes) Tesouro da Juventude que o irmão de Ruth, Joel Blank, lembra de ter feito parte do acervo de leituras dele e de seus irmãos, através do incentivo de seu pai:

¹⁵ Déborah Blank Mirenda (1934), irmã mais nova de Ruth Blank, professora aposentada e artista plástica residente em Pelotas, foi aluna de Ado Malagoli (Escultura) e João Fahrion (História da Arte) no Instituto de Belas Artes em Porto Alegre.



Figura 7 Enciclopédia Tesouro da Juventude - Reedição 1955
Fonte: Acervo Elomar Tambara. Foto da autora.

Ao manusear a enciclopédia através da coleção, composta de 18 volumes, uma reedição de 1955, percebe-se que se tratava de livros que discorriam sobre assuntos gerais, separados por sessões (geografia, história, ciências naturais, economia, matemática, arte, cultura e social) que pudessem ser pertinentes a curiosidade dos jovens, da época. Esta edição que serviu de exemplo, na imagem acima, como já dito, é uma reedição pois as primeiras edições datam da década de 1920.

Segundo a sua irmã Deborah, na entrevista concedida à Peixoto (2017) ela mantinha por hábito, aos domingos, realizar pesquisas voltadas à educação, principalmente em jornais:

Sempre voltada para a Educação. Sempre pesquisando. É bonito, que no Domingo ela comprava todos os jornais, porque ela dizia que o jornal nos traz notícias mais recentes. Achei bonito, isso! Marcou muito a minha vida!!! Um livro, se a gente vai ler, até que o escritor termine, edite, as coisas já mudaram. Já modificou muita coisa. O jornal não. Então, depois de lê-lo,

fazia recortes, procurando muito assuntos, de Educação em especial. Assim, ela pesquisava. (PEIXOTO, 2017, p.109).

Deste modo entendemos a pertinência no estudo sobre o aspecto que acerca o desenvolvimento intelectual e cultural da professora de arte Ruth Blank desde a sua infância, para isto foi desenvolvido um capítulo posterior para expressar as constatações sobre o tipo de leitura que pode ter embasado ou contribuído para a sua constituição intelectual.

4. Ruth Blank - Processos de Formação

4.1 A escolarização de Ruth Blank no Colégio Santa Margarida (1937-1942)

O Colégio Santa Margarida foi uma instituição educacional, fundada na cidade de Pelotas em 1934, e que encerrou suas atividades em 2005, pautava-se através dos preceitos ideológicos da Igreja Anglicana (GUEDES, 2010). Esta escola particular era voltada, inicialmente, a educação feminina e fez parte da formação inicial de muitas professoras, esse lócus de pesquisa interessa-nos, pois pertenceu ao processo de formação escolar da professora de Arte Ruth Elvira Blank, que viveu em regime de internato na escola entre os anos de 1937 e 1942. Assim sobre a educação oferecida às meninas, do colégio Santa Margarida, Alessandro Bica (2007) observou:

A instituição escolar pretendia preparar suas alunas para serem cidadãs ativas em seu meio, independentemente de viverem numa sociedade predominantemente ligada a preceitos masculinos de convivência e poder. Buscava motivar a criação de habilidades e/ou capacidades para essas meninas ocuparem qualquer lugar na sociedade, possibilitando o enfrentamento de quaisquer adversidades que se colocassem à sua frente no decorrer de suas vidas, além de promover o desenvolvimento intelectual, humano e cultural de suas alunas (BICA, 2007, p. 18).

Neste sentido de instruir as moças e orientá-las a desenvolver suas aptidões intelectuais e domésticas, consideramos “habilidades domésticas”, baseando-nos em Bica (2007, p. 19), principalmente, o “manuseio de agulhas e pincéis”. Saber tocar instrumentos musicais também era fundamental, contudo, a escola também oferecia aulas de Canto Orfeônico, complementando a “boa educação” (BICA, 2007, p. 19) das moças de família, assim como também capacitá-las as letras oferecendo um desenvolvimento ao drama com apresentações periódicas de peças teatrais.

Para nossa pesquisa essas constatações vieram ao encontro do que se depreendeu sobre a educação na fase que compreendeu a escolarização de Ruth Blank, período marcado pelo Escolanovismo evidenciado pelo filósofo norte-americano John Dewey, foi um dos precursores das ideias que envolviam a expansão das oportunidades escolares, como também novos métodos pedagógicos, em contraposição à escola tradicional. No Brasil quem elevou os ideais educacionais de Dewey foi Anísio Teixeira entre outros educadores, filósofos e intelectuais da época, que integraram a grupo que defendia a Escola Nova.

Ruth participou também do Grupo de Bandeirante¹⁶ integrante da Tropa Condor, do Colégio Santa Margarida, assim mostram duas imagens em diferentes fases de Ruth no grupo:



Figura 8 Ruth Elvira Blank. Bandeirante Tropa Condor
Fonte: Acervo Darley Blank Shwonke

¹⁶ O Movimento Bandeirante para garotas foi criado por Baden Powell (Londres, 1857) em 1909, após criar o escotismo para os garotos em 1907, filho de um reverendo da igreja anglicana e de uma professora primária com talento para desenho e pintura. No ano de 1928, o bandeirantismo rompe barreiras sociais e comportamentais para as mulheres da época, em especial para as que compunham a elite da sociedade brasileira, classe da qual todas as Bandeirantes do período pertenciam. A proposta inicial era implantar uma educação pioneira, acreditavam na importância da mulher em assumir um papel mais atuante nas mudanças da sociedade. Para saber mais acesse: <https://bandeirantes.org.br/historia>



Figura 9 Ruth Elvira Blank em atividade como Bandeirante
Fonte: Acervo Darley Blank Shwonke

Pelas imagens percebe-se que viveu alguns anos de sua infância como bandeirante, sendo aluna do colégio Santa Margarida. Na figura 8 parece um pouco mais jovem do que na figura 9.

Entendemos a importância de registrar sobre esta fase de Ruth Blank como bandeirante (educação informal). Infere-se que para ser uma bandeirante requeira disciplina como sendo uma das características principais, deste modo para extrair alguma informação sobre a caracterização de Ruth como bandeirante utilizou-se a narrativa da ex-aluna I.S.Martins, que contemplou uma entrevista para o livro de Amaral e Amaral (2007). I.S.Martins foi integrante da Tropa Condor um pouco antes de Ruth integrar o grupo, ela menciona que a chefe Gladys Twedie era brava e foi a primeira chefe da tropa, fizeram acampamentos memoráveis, aprenderam a cozinhar, a fazer “mil nós” e a cumprir o 8º mandamento: “A bandeirante enfrenta alegremente todas as dificuldades” (AMARAL; AMARAL, 2007, p.24).

Após a descrição de Amaral e Amaral (2005) a respeito da narrativa da ex-aluna do colégio Santa Margarida e integrante da Tropa Condor, buscou-se analisar o que é ser Bandeirante de acordo com o código que rege o ideal:

1. É merecer confiança;
2. É ser leal e respeitar a verdade;
3. É servir ao próximo em todas as ocasiões;
4. É valorizar a estima e a amizade;
5. É ser amável e cortês;
6. É ver Deus na Criação e preservar a Natureza;
7. É saber obedecer;
8. É enfrentar alegremente todas as dificuldades;
9. É usar os recursos com sabedoria;
10. É agir, pensar e ser coerente com os valores éticos.

De acordo com o site das Bandeirantes do Brasil (2022) o código representa os valores que devem conduzir as ações das Bandeirantes.

Desta forma na busca por alcançar a compreensão das ações que constituíram o modo de ser de Ruth. Concordou-se com Minayo (1986, p. 9) que afirma que para entender as “organizações sociais e o lugar do indivíduo”, historicamente as religiões e as filosofias tem sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva, e podem contribuir para o conhecimento da realidade.

Algum tempo depois foi introduzido o ensino misto no Colégio Santa Margarida. Drey (2014, p. 19) destaca:

As classes mistas eram defendidas como princípio formativo e de convivência social nas escolas anglicanas. A mulher instruída, culta e intelectual, com o ensino de aritmética, música, desenho, educação física, exerceria melhor seu papel de esposa e de mãe.

Assim como também destacou Joel Blank (2020), sobre maçons e anglicanos defenderem o ensino misto, essa era uma inovação para a época em que predominavam as escolas católicas que separavam meninos e meninas. De acordo com o trecho do Estandarte Cristão (1926), jornal da Igreja Anglicana, a convivência

entre jovens de ambos os sexos era sadia e ajudava no desenvolvimento social e a separação só servia para “aumentar a tensão e o desejo” (DREY, 2014, p. 19).

Ruth Blank estudou até o ano de 1942 nesta escola, segundo consta no seu certificado de Madureza (anexo A, p.110) do Curso Ginásial do Santa Margarida.



Figura 10 Ruth Blank ao lado de seu pai o Reverendo Alberto Blank, em ambiente do Colégio Santa Margarida.

Fonte: BICA (2006, p. 71).

Na foto aparece o pai de Ruth, reverendo Alberto Blank o primeiro da esquerda para a direita, Ruth Blank a segunda, ladeada por outras duas alunas, o bispo William Thomas ao centro também ladeado por alunas, a vice-diretora Miss Berenice Cartrigfht e o Reverendo Severo.

Com intuito de verificar quais as influências que Ruth Blank teve para sua constituição como professora de arte, buscamos analisar aspectos sobre os métodos de ensino desta instituição que a formou, voltando o olhar para o ensino de artes, assim, além de compreender as questões religiosas que estiveram envolvidas à vida de Ruth e a de sua família.

Sobre os métodos educacionais voltados ao ensino de arte desta instituição nos amparamos nas narrativas das entrevistas que compuseram o livro de Amaral e

Amaral (2007), porém, as revelações de Bohns (2020, p. 01), aluna do colégio Santa Margarida, entre 1967 e 1973, foram as que mais subsidiaram esta parte da pesquisa, sendo assim, ela revela: "no tempo em que eu estudei lá, já era uma escola mista, e pedagogicamente muito avançada. Os métodos de ensino eram incrivelmente modernos para a época (claro, eu só descobri isso muitos anos depois)".

Estas averiguações, sobre os métodos educacionais inovadores, pudemos verificar em algumas falas de ex-alunas através do livro Colégio Anglicano Santa Margarida – Entre a Memória e a História 1934-2005, de Giana Lange do Amaral e Gladys Lange do Amaral (2007). Porém ressalta-se que o interesse é especialmente destacar as aulas de artes desta instituição. Para isso voltamos às palavras de Bohns (2020) que explica:

A professora de religião era a mesma de artes e de música, a professora Eunice Lamego, que tocava piano e era uma mulher muito moderna. Em geral, as aulas de religião se transformavam em aulas de desenho. Nunca tive uma experiência com narrativas dogmáticas, de qualquer religião. Não éramos obrigados a seguir os cultos Anglicanos, embora eu gostasse muito de visitar a igreja coberta de heras. (Neiva, M. F. Bohns entrevista realizada em 24/06/2020).

Observa que a sua professora de artes era moderna, e segue mais adiante em sua narrativa sobre as aulas de artes:

Uma das lembranças mais fortes que eu tenho é de, aos cinco anos, usar uma capa plástica cor-de-rosa com um grande bolso na frente, para as aulas de arte, que eram sempre muito livres, com fartura de materiais. Certa feita pintamos os vidros da sala de aula, que ficava no chamado anexo do Santa Margarida. Cheguei em casa coberta de tinta até a cabeça, o que causou grande espanto na minha família. Devo ter ido para o chuveiro com a minha capa pintada. Também lembro muito das aulas de modelagem, que eram feitas numa sala envidraçada, com parede semicircular, na parte central do prédio do colégio, a que tínhamos acesso por uma escada. Lá tinha uma banheira sempre cheia de argila úmida. Nós adorávamos as aulas de modelagem. (Neiva M. F. Bohns, entrevista realizada em 24/06/2020).

As aulas de desenho e pintura, quase sempre as temáticas, assim como as técnicas, também eram livres, eram ministradas pela professora Eunice Lamego. Ela conta que costumavam ser a partir de uma sugestão de tema que poderia vir através de histórias contadas, assim constata: "Mas nunca tive, na escola, aulas de técnica

de desenho ou de pintura, assim desenvolvi livremente diversos desenhos”. (BOHNS, 2020, p 03).

Segundo alega a entrevistada, era um período de “Livre expressão artística” na escola e isso a estimulava a desenhar cada vez mais. Ela também lembra que quanto mais desenhava mais aprendia, pois os seus desenhos passaram a ilustrar seus cadernos de outras disciplinas, como geografia e ciências, por exemplo.

Embora aluna mais contemporânea ao período de análise, acredita-se que as características metodológicas de ensino do colégio Santa Margarida, principalmente em arte, se mantiveram, ainda que tenha havido algumas mudanças na estrutura curricular de acordo com as leis vigentes entre o período que Ruth estudou na década de 1940 e o da professora entrevistada entre 1967 e 1973.

Em 1942, quando Ruth completou o curso ginásial no Santa Margarida, ela já estava trabalhando na mesma instituição que a formou, como professora do ensino primário e, segundo o seu sobrinho Darley Blank Shwonke, atuou também na biblioteca da escola. Suas atividades docentes na instituição começaram em março daquele ano, até dezembro de 1946.

Seguimos pela trajetória de formação da professora Ruth Blank, agora direcionada às artes, ou destacando a Escola de Belas Artes – EBA com ênfase na década de 1950.

4.2 Ruth Blank na Escola de Belas Artes de Pelotas

A Escola de Belas Artes (EBA), foi uma importante instituição educacional direcionada às Artes Plásticas na cidade de Pelotas.

A EBA foi fundada em 1949 pela Sra. Marina de Moraes Pires que foi aluna de Frederico Trebbi (artista italiano que morou em Pelotas e dava aulas particulares em seu atelier). Naquele momento de fundação da EBA, Pelotas já era reconhecida pela sua cultura e expansão econômica devido ao charque, porém conforme nos revela Magalhães (2010), esteve estagnada no tempo para o desenvolvimento artístico, pois na época a cidade havia perdido um tempo importante (para o desenvolvimento artístico) entre o fim do Instituto de Belas Artes (que se constituía dentro do Conservatório de Música pelotense no ano de 1927) com uma didática pautada na Escola de Belas Artes de Porto Alegre.

A orientação didática estruturou-se no estilo neoclássico, acadêmico e eclético, tão característico na época, e muito consagrado pela Escola Nacional de Belas Artes. Desde o início de sua fundação, o Instituto de Belas Artes de Pelotas passou por grandes dificuldades financeiras que se prorrogaram até 1937, quando foi municipalizado. Com este ato, o Instituto voltou a chamar-se Conservatório de Música e, logo após, foram encerrados os cursos de pintura e desenho. (MAGALHÃES, 2010, p. 173).

Vale contextualizar historicamente sobre a Arte para destacar que a semana de 20 (1922) foi um marco para o setor da arte e da educação com a nova tendência modernista apresentada nacionalmente por Mário de Andrade, Anita Malfati, Tarsila do Amaral entre tantos outros artistas, escritores, poetas, filósofos, educadores e músicos brasileiros.

Para a cultura em geral, foi um período de muitas transformações no país, surgiram vários movimentos artísticos dentro de uma “modernidade” que se buscava e estava sendo construída naquele momento histórico.

Em suma evidenciamos os acontecimentos com tendências modernistas anteriores à fundação da EBA em Pelotas para, de acordo com Magalhães (2010) percebermos um retrocesso ao se constituir em Pelotas uma instituição de ensino superior em artes tão anacrônica para o período em que se consolidou (1949). Desta forma Magalhães (2010) observa:

Ficou retardado o processo de elaboração de um sistema das artes, no qual uma escola teria importante papel a desempenhar, pelo desenvolvimento das técnicas e habilidades e pelo contato com os códigos da arte que se tornaria possível. Pelotas, não contando por longo tempo com ensino especializado nessa área, salvo um ou outro curso particular, viveu esse interregno com sua sociedade participando de algumas exposições que, na sua grande maioria, exibiam trabalhos de artistas de fora da cidade, fato que pode ser constatado pelas notícias de jornais da época que anunciavam, com grande destaque, essas mostras (MAGALHÃES, 2010, p. 173).

Deste modo, mesmo que tenha ocorrido um atraso, conforme trecho que evidencia o desenvolvimento das atividades artísticas mais modernas na cidade, percebe-se a importância devido ao esforço, desta nova instituição de ensino superior em artes plásticas, para alavancar a cultura do município, de acordo com Magalhães (2010), considerando também os esforços desmedidos de dona Marina de Moraes Pires para que tudo acontecesse e a Escola de Belas Artes continuasse a configurar durante os vinte e três anos de funcionamento em Pelotas.

Até aqui a análise a respeito dessa instituição voltada ao ensino superior de arte, visa investigar a passagem de Ruth Blank como aluna pela EBA, sendo que a

mesma esteve matriculada nessa escola superior, por dois anos no início dos anos 1950, conforme documento atestado de matrícula de 1952 (ANEXO B) assinado pela diretora dona Marina de Moraes Pires. Nesse sentido vale ressaltar a importância dos documentos históricos para a pesquisa no campo da educação, através de Cellard (2008, p. 295):

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Após essa inferência do autor que se remete a importância do documento escrito para testemunhar o que de fato aconteceu em determinado momento histórico cabe a nós pesquisadores da atualidade, interessados em descobrir o que levou a educadora Ruth Blank a procurar e investir em uma formação na Escola de Belas Artes de Pelotas. Talvez tenha sido motivada pela novidade em se matricular na nova instituição voltada ao ensino de Artes e que recentemente havia sido fundada em uma das salas da Biblioteca Pública Pelotense. É instigante saber o motivo de não ter registros sobre a conclusão deste curso o qual esteve matriculada.

Mesmo que não se tenha indícios de finalização do curso, que aparece no atestado, ou algum outro curso completo por ela na EBA, o que se percebeu, através da análise sobre a instituição, foram características didático-metodológicas tradicionais (academicistas) talvez contrariando ao que Ruth Blank buscava para sua formação docente com traços modernistas, evidenciada através dos cursos que frequentou em outras instituições durante toda a sua trajetória formativa e até mesmo por fundar na cidade de Pelotas uma escola voltada à educação em Arte no ano de 1963, e que primava pela liberdade de expressão das crianças, baseada na tendência do Movimento das Escolinhas de Arte, preconizada por Augusto Rodrigues.

Observou-se que a Escola de Belas Artes, através de suas características metodológicas tradicionais baseadas no academicismo, de acordo com Magalhães (2010), pode não ter figurado nos ideais de formação da professora Ruth Blank, embora essa fosse referência ao ensino superior em artes plásticas na cidade de

Pelotas, naquele período. Talvez por não ser o tipo de especialização que ela buscava para a sua formação, sem podermos afirmar, tendo em vista a lacuna da falta de evidência que comprove a finalização ou desistência do curso que frequentou por dois anos na EBA.

Sendo assim após a análise a respeito das instituições, de acordo com o contexto histórico, evidenciou-se características que as diferenciam (metodologicamente ou ideologicamente), onde procurou-se salientar processos de formação da professora de artes na cidade de Pelotas e algumas questões que podem ter contribuído para a formação dela, que começou seu percurso escolar em Pelotas no Colégio Santa Margarida em 1937 (ensino primário com ênfase nas aulas de artes: teatro e manualidades e o escotismo), foi aluna da Escola de Belas Artes de Pelotas (ensino superior em artes plásticas com características tradicionais) por dois anos e fundou a Escolinha Municipal de Artes de Pelotas em 1963 (educação através da arte para crianças).

Pode-se inferir, a partir da análise destas instituições, que possuíam propósitos diversos, de acordo com as estruturas econômicas e políticas condicionadas a cada uma em sua época (contexto histórico) e diferindo em suas filosofias pedagógicas, e que seguiram as tendências educacionais do período em que se valorizava mais o ensino primário e os cursos para formação de professoras.

Percebeu-se que sua trajetória formativa seguiu adiante, segundo o que os documentos (certificados e atestados) nos indicam, onde frequentou diversos cursos de educação continuada na área de artes, assim como: arte e criatividade, arte e tecnologia, psicologia infantil, higiene mental, educação especial, filosofia e pedagogia, cultura popular, teatro de fantoches, pré-escolares, entre muitos outros, tanto em Pelotas, como em Porto Alegre e Rio de Janeiro e Brasília, ministrados por grandes nomes que fazem parte da História da Educação em Arte, assim como Tom Hudson, Herbert Read, Augusto Rodrigues alguns ligados ao Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil do Rio de Janeiro, influências destacadas no Jornal Arte & Educação que aparecem nos certificados dos cursos que Ruth frequentou.

A partir destas constatações seguiremos desenvolvendo reflexões sobre a sua atuação docente.

4.3 Atuação docente de Ruth Blank

4.3.1 Ruth Blank na memória das alunas da Escola Normal Assis Brasil

A professora Ruth Elvira Blank, atuou em algumas escolas do Município de Pelotas, era funcionária municipal e estadual, chegando a trabalhar como Orientadora de Ensino junto à Diretoria de Educação em Pelotas, no ano de 1951. Na busca pela especialização em sua carreira docente, frequentou diversos cursos, dentre eles o de Desenho e Artes aplicadas, muitos não haviam na cidade de Pelotas, ou buscavam em Porto Alegre ou tinham de ir mais longe, se assim almejassem seguir evoluindo na carreira.

Em 1951, a professora Ruth frequentou o curso intensivo de Desenho e Artes Aplicadas, da cidade do Rio de Janeiro, pelo seu bom desempenho (de acordo com boletim) ficou com o 1º lugar entre 22 candidatos inscritos. O curso reuniu diversos professores do país, e era voltado aos que fossem vinculados ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, conferido pelo Ministério da Educação e Saúde, com duração de 10 meses e carga horária de 2168 horas. Segundo a Lei Orgânica do Ensino Normal e o Decreto-Lei. 8530, de 02 de janeiro de 1946, no Art. 10¹⁷ consta que os cursos de especialização de ensino normal compreendiam os seguintes ramos: educação pré-primária, didática especial do curso complementar primário, didática especial do ensino supletivo, didática especial de desenho e artes aplicadas, didática especial de música e canto.

Em 1952 foi nomeada pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul a exercer o cargo de Catedrática de Desenho e Artes aplicadas, no Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Assis Brasil, onde deveria ocupar o cargo temporariamente, em substituição a Antonieta Abad Mendonça.

Sobre o período de atuação da professora de Desenho e Artes aplicadas Ruth Blank, na escola Normal Assis Brasil, Regina Weykamp da Cruz esclarece que a conheceu quando foi aluna da Escola Normal antes mesmo de ser sua aluna:

O Assis Brasil sempre foi meu chão, cursei o primário, o ginásio e o normal. No normal eu já conhecia a Ruth, ela era professora de outras turmas e não

¹⁷ Lei Orgânica do Ensino Normal e o Decreto-Lei. 8530, de 02 de janeiro de 1946, no Art. 10 <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>

da minha série, mas foi ali olho no olho, desde a primeira vista, ela me chamava na aula dela, por vezes em outra turma, para me mostrar algo que ela achava interessante, ela viu que eu gostava muito de arte, era muito amiga de meu tio, o jornalista Pedro Miquelarena, do Correio do Povo, em Porto Alegre. O tio e ela partilhavam muitas ideias sobre arte, arte universal, arte mundial, e a Ruth dizia: a tua sobrinha Pedrinho, coisa boa, quando ela vier a Porto Alegre leva no Museu, para conversarmos. Então eu já a conhecia, e no último ano de normal (2 semestres) ela foi minha professora de iniciação à Educação Artística, do curso normal do Assis Brasil, foi nessa época que a gente pode desenvolver um vínculo mais afetivo e tudo que nós pensávamos ou cultuava era muito parecido, uma pessoa de mente aberta, eu poderia te dizer que ela viveu além do seu tempo. O que hoje estamos vivendo a Ruth já enxergava de longe. (Regina Weykamp Da Cruz, entrevistada em 24 de janeiro de 2020).

Esse é um trecho da entrevista que foi realizada com Regina Weykamp da Cruz, ex-normalista do Assis Brasil, foi professora e diretora da Escolinha Municipal de Arte, fundada pela professora Ruth Blank, convidada a conceder uma entrevista sobre a professora que a inspirou profissionalmente, aceitou prontamente, e segundo ela a professora Ruth a convidou à trabalhar na Escolinha de Arte que ainda não havia sido fundada, mas já estava em processo de criação.

A esse respeito, e a partir da narrativa de Regina sobre sua trajetória escolar e profissional entremeada com a trajetória da professora Ruth Blank, nos valemos do trecho em que Abrahão cita Bolívar (2011):

As trajetórias narradas proporcionam a construção de sentido de uma vida – a narração dessa trajetória não é resultante do que realmente ocorreu em termos de experiências e aprendizagens, e sim da organização desses elementos como um argumento com dimensão temporal, espacial e de múltiplas relações sociais (BOLIVAR *et al.*, 2001, apud ABRAHÃO, 2011, p.167).

De acordo com Abrahão (2011) a narrativa de uma trajetória de vida é ressignificada conforme vai sendo relatada pelo narrador, ela menciona que trabalhar com a memória não é buscar uma verdade absoluta dos fatos e sim o que significou para quem vivenciou.

De certa forma, talvez o sentido dado à experiência como aluna de Ruth Blank por Regina pudesse ter uma dimensão diferente de outra colega sua quanto ao papel que a professora de artes ocupou em suas vidas, mas o que observamos na tese de doutorado de Maria Cristina dos Santos Louzada (2018), sobre a narrativa de outra ex-normalista (1962) da ENAB, da turma anterior à de Regina W. da Cruz, foi outro episódio sobre a atuação da professora Ruth Blank. Louzada (2018, p. 205) conta que segundo a ex-normalista AME: “um dos momentos que

ficaram congelados na memória da turma foi a elaboração do painel na aula de Educação Artística com a Professora Ruth Blank”, e nesse sentido dá voz ao sentimento de sua entrevistada ao relatar o acontecido com ênfase ao trabalho que fizeram todas as alunas juntas com a professora que coordenou o projeto temático alusivo ao pan-americanismo naquele ano:

Tinha um tema chave, em todo o primeiro ano, o tema foi pan-americanismo, então tudo que a gente fazia, a geografia, a história. Tudo foi das Américas, geografia das américas, estudávamos espanhol por causa disso, nós escrevemos cartas para todas embaixadas dos países da América Latina. Cada uma era responsável por um país. Meu país foi o Peru, eu até tinha essa carta, pedindo material típico do país, coisas interessantes. Então se fez uma grande exposição depois. A Dona Ruth Blank, que era nossa professora de educação artística, ela desenhou um painel muito grande. Era toda evolução da América desde o Cristóvão Colombo dos índios, eu tenho foto do painel aqui. Isso aí nós fizemos todo de mosaico com papel de capa de revista, um mosaico pintado (LOUZADA, 2018, p. 205).

Após a finalização do painel, foi realizada uma exposição do trabalho coletivo no corredor da Escola Normal Assis Brasil.

No segundo relato observou-se certa admiração pelo trabalho coletivo realizado pela turma, juntamente com a professora no trecho em que a entrevistada de Louzada (2018) descreve sobre o “momento ter ficado congelado na memória da turma”.

Desta forma, após o relato das duas ex-normalistas observou-se que o nome da professora Ruth Blank está vinculado às memórias das estudantes sobre a escola e a maneira como a professora conduzia as aulas de educação artística da Escola Normal Assis Brasil e o seu jeito de ser, assim como os eventos e as exposições. Pensando o coletivo, ela idealizava e realizava suas aulas de forma a envolver suas alunas em processos e recursos didáticos variados e por vezes inusitados, já que, naquele período, sua atuação era voltada para a formação de professores dentro da área de educação artística.

No livro intitulado Instituto de Educação Assis Brasil – entre a memória e a história, de Amaral e Amaral (2007) outra narrativa nos chamou a atenção:

ELV, que foi aluna do Assis Brasil na década de 50, conta que a Professora Ruth Blank foi muito importante na sua carreira docente, pois a orientou como deveria proceder para que conseguisse o sucesso esperado em ser professora e conseguiu. Porém em busca de sua especialização ela se inscreveu para, em 1953,

fazer o curso de Formação de Professores Primários e seguir estudando no Assis Brasil.

Quanto às aulas da professora Ruth Blank de Desenho e Artes aplicadas, é descrito que a psicologia e a didática destas aulas, despertavam o interesse de todas as alunas, e “mesmo aquelas não muito habilidosas artisticamente era reconhecido seu esforço”.

Em uma viagem de trem que fizeram entre São Paulo e Rio de Janeiro, visitaram monumentos e museus, o Palácio do Governo e pontos turísticos. A entrevistada conta que, empolgadas a tudo que viram, encenaram um casamento, onde se divertiram muito dentro do trem, menciona que todos participaram da encenação. Estavam presentes, a professora Ruth Blank, a diretora Dona Maricota, uma turma do científico e mais outros professores. (AMARAL; AMARAL, 2007).

O relato da aluna nos fez perceber a atuação da professora Ruth Blank como mediadora da turma ao conduzi-las à viagem de imersão cultural por cidades (capitais) em que aconteciam e ainda acontece o circuito artístico e as grandes exposições, além da descontração do momento em que experienciar uma aula de teatro improvisada por elas.

No documento encontrado, no acervo da família Blank, redigido por Ruth Blank, denominado Relatório Divisão de Cultura Geral – 2º período, 1º semestre de 1960, Divisão de Artes, Unidade Eletiva, matéria: Desenho e Pintura, Ruth menciona sua preocupação com o aprendizado das futuras professoras, a seguir uma imagem contendo o trecho do relatório.

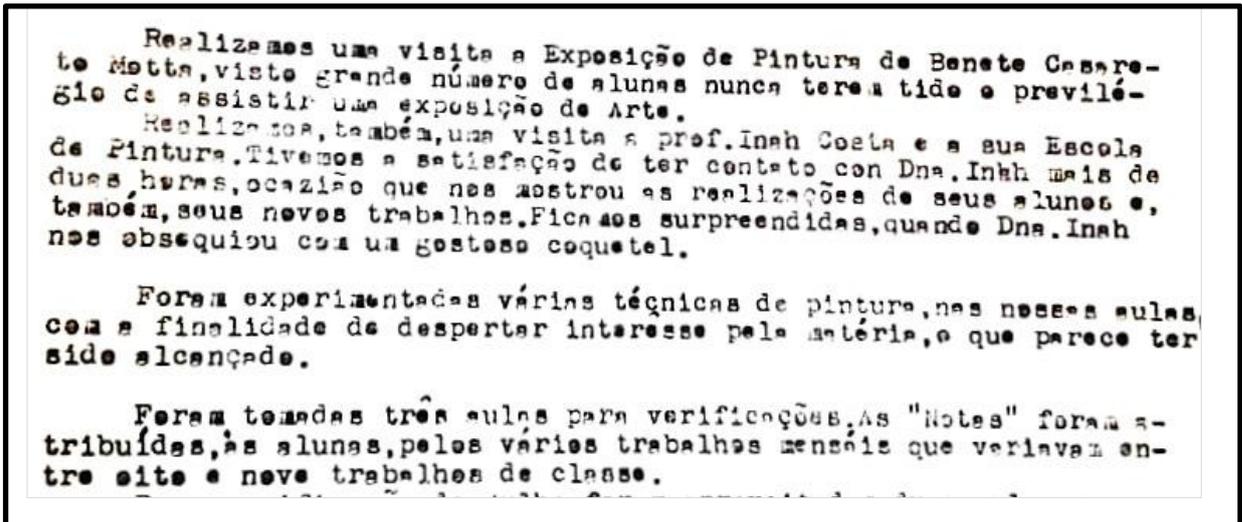


Figura 11 Relatório de aula da Professora Ruth Blank, 1960.
Fonte: Acervo da família Blank.

Após a leitura do recorte do documento, observou-se o quanto a professora Ruth Blank estimava por uma aproximação de suas alunas com a experiência prática no desenvolvimento de suas aulas. Essas vivências seriam importantes para a aplicação da didática em sala de aula. Segundo o relatório redigido pela professora, ela expressa: "Realizamos uma visita a Exposição de Pintura de Benete Casareto Motta, visto grande número de alunas nunca terem tido o privilégio de assistir uma exposição de Arte". (BLANK, 1960).

Desta forma percebe-se a preocupação ou a tentativa de utilizar métodos que aproximassem as professoras do seu objeto de estudo, através da prática artística, oportunizando a elas que agregassem essa experiência ao seu trabalho em sala de aula.

O que podemos depreender, a partir da análise sobre o que a professora Ruth pretendia para contribuir com a formação destas professoras, é que ela entendia de fato que "a formação inicial de qualquer professor é uma formação especializada" (IBARROLA, 1998, p.76), além disso, buscava também se aperfeiçoar através dos cursos e para que suas alunas tivessem uma boa formação por parte dela.

O conjunto dessas influências pode ter contribuído para marcar a educação, no período, e os processos de formação da professora Ruth Blank, os quais, visando como necessidade uma ampliação cultural, levaram-na a idealizar e fundar uma escola própria voltada à educação através da arte para as crianças.

4.3.2 Tornar as crianças mais felizes e os adultos mais sensíveis à Arte - A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

A cidade de Pelotas teve algumas escolas próprias ao ensino de arte para crianças, porém a que se destacou principalmente pela sua estrutura planejada para o ensino de artes foi denominada Escolinha Municipal de Artes, fundada no ano de 1963, idealizada pela professora Ruth Elvira Blank, com objetivo de tornar as crianças mais felizes e os adultos mais sensíveis à arte. No mesmo local onde hoje, por conta de transformações das leis que regem a educação brasileira, encontra-se a Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank, em homenagem à fundadora da Escolinha Municipal de Arte que ali existia, e assim permanece com algumas características voltadas ao ensino de arte.



Figura 12 Fotocópia Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, RS, 1963
Fonte: Peixoto, 2017 (Acervo da Escolinha).

Conforme Augusto Rodrigues (2008) as instituições foram denominadas carinhosamente pelo nome de Escolinha de Arte, pelas crianças que estudavam na Escolinha de Arte do Brasil. Foi fundada pelo artista, jornalista e caricaturista Augusto Rodrigues na cidade do Rio de Janeiro em 1948 e seguia os princípios do

Movimento das Escolinhas de Arte, e primavam pela educação através da arte, na livre expressão criativa.

A imagem que segue é um recorte do jornal local (Diário Popular), do ano de 2000, que expressa e contextualiza um pouco sobre a fundação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.



Figura 13 – Fotografia de recorte do Jornal Diário Popular, Escolinha de Arte completa 40 anos de ensino da Arte, ano 2000.

Fonte: Acervo família Blank.

No recorte de jornal, alusivo aos quarenta anos da Escolinha Municipal de Arte evidenciam-se as características principais da Escolinha de Arte idealizada pela professora Ruth Blank: Uma escola própria à educação através da arte, voltada ao público infantil, localizada em meio à natureza (antiga Praça Júlio de Castilhos, no Centro de Pelotas), “a regra ali era fugir dos padrões e dar asas a criatividade” menciona a matéria de Guimarães, conforme as palavras de Regina Weykamp da Cruz (DIÁRIO POPULAR, 2000, p.13). Esse registro evidencia a importância da Escolinha, por algumas décadas, pois eleva a educação das crianças através da arte.

A Escolinha Municipal de Arte foi pensada e estruturada para o desenvolvimento da criança como um ser total, dotado de criatividade e expressão próprias. Sua sede era como um grande atelier que contemplava diversas

linguagens artísticas assim como as aulas de música, teatro de fantoches, pintura, modelagem, cerâmica, contação de histórias (literatura), com apresentações e exposições dos trabalhos dos alunos. As crianças possuíam liberdade para se expressarem artisticamente. Conforme o documento de Criação da Escolinha:

Dadas as características especiais de uma "Escolinha de Arte" torna-se, indispensável uma sala ambiente, onde o aluno disponha de material, instrumentos e utensílios.

O efeito psicológico do ambiente adequado sobre a criança contribui para que o trabalho seja uma fonte de satisfação

O trabalho em sala ambiente não só apresentará, muito maior rendimento, como favorecerá em situação real a aquisição de hábitos de ordem, de disciplina e uma atitude de liberdade responsável. (BLANK, 1963, p.03 apud PEIXOTO, 2017, p.123).

As professoras eram instruídas a não interferirem no processo de criação dos alunos, e os alunos eram orientados na hora de manejar o material para não haver desperdícios, sempre pensando no coletivo. Como explica, a seguir, Regina Weykamp da Cruz, enquanto professora da EMAP:

Uma coisa que a Ruth sempre disse: "Não se critica coisa alguma, a criança é um ser em potencial, ela está em crescimento (desenvolvimento)". Assim como a Ruth orientava, pelo melhor do grupo, nas mesas retangulares ficava um aluno de frente para o outro, divididos pela mesma idade, recebiam a folha e se fosse pintura a dedo já ganhavam umas tigelinhas com tintas compartilhadas, um vidro de água para lavar o pincel e um paninho pra secar o dedo ou o pincel. Assim nós dizíamos: Pincel não é caminhão, tem que botar pouca tinta, senão o caminhão descarrega no papel e cai toda tinta! Tinha de ser de uma forma que eles pudessem compreender. (Regina Weykamp da Cruz, entrevista realizada em 24/01/2020).

Assim é perceptível que mesmo havendo liberdade para a criação e expressão das crianças elas eram orientadas quanto a utilização do material plástico, e o que experienciavam com esse manuseio também fazia parte do ensino. Para Dewey¹⁸ "O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento." (NOVA ESCOLA, 2008).

Sendo assim, seguindo na linha da experimentação e dos sentidos, observou-se sobre a estrutura física da escola, instalada em meio a uma grande praça pública,

¹⁸ Sobre John Dewey <https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco>. Acesso em outubro de 2020.

as crianças eram ambientadas com a natureza e na praça continha um minizoológico, com uma diversidade de animais, assim como, macacos, papagaio, pássaros, jacaré, tartarugas entre outros. De acordo com Peixoto (2017):

Este ambiente com tanta natureza, proporcionava aos alunos da Escolinha o contato diário durante as aulas e nas atividades realizadas. A ideia da construção da Escolinha Municipal de Pelotas numa praça, não foi sem razão e sim porque isto facilitaria a metodologia que se desejava aplicar. Aquela baseada na observação que a criança realizava das coisas que a cercava, e que lhe daria liberdade de expressar-se. (PEIXOTO, 2017, p. 39).

Assim podemos dizer que o ideal dessas Escolinhas era o mesmo, das inúmeras que foram consolidadas no Brasil, o Rio Grande do Sul foi o estado de maior concentração dessas instituições, segundo Barbosa (2014, p.5). Houve interesse de várias cidades gaúchas em se desenvolver culturalmente, acreditando na educação através da arte, assim como acontecia no país inteiro. É importante salientar também que a matéria do jornal enfatiza o contexto histórico político mundial do ano de 1963 em que foi instaurada a Escolinha Municipal de Arte em Pelotas, e é nessa conjuntura de grandes adversidades e dificuldades políticas que também se fortalece o Movimento das Escolinhas de Arte no Brasil¹⁹.

Um ano antes da Escolinha Municipal de Arte ser instalada na cidade de Pelotas, a professora Ruth Blank especializou-se em cursos que se somaram a sua qualificação docente na área.

Para coordenar a instauração da Escolinha de Arte, frequentou o curso Intensivo de Arte na Educação, realizado pela Escolinha de Arte Infante-Juvenil e promovido pela Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, em dezembro de 1962, de acordo com o certificado assinado pela diretora Lygia Dexheimer.

No período Porto Alegre já abrigava a Escolinha de Arte da UFRGS, que foi fundada em 1960 por Alice Soares, com apoio dos professores Fernando Corona, Ado Malagoli, Ângelo Guido, Rubens Cabral, Alice Bruegmann, Leda Flores, Lygia Rothmann e Cristina Balbão (PILLAR, 2021)

Para a instauração da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, também foi necessária uma preparação da equipe que iria compor o quadro docente da

¹⁹ Discorreremos mais sobre O Movimento das Escolinhas de Arte em um próximo tópico.

instituição, então, foi organizado o Curso de Preparação para Professores municipais, ministrado na Diretoria da Educação Municipal. Tendo por objetivo a preparação do material humano para funcionamento da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (VENZKE, 2015).

Conforme previsto no Plano de Criação da Escolinha de Arte, redigido e assinado pela professora Ruth Blank em 15 de março de 1963, foi ofertado o Curso intitulado de Estágio da Arte (anexo C), entre os dias 25 de março a 12 de julho de 1963, com autorização da Diretora Educacional do Município de Pelotas, Elza Zanotta Nunes e coordenado pela professora Ruth Elvira Blank.

Para compreendermos as finalidades e os objetivos de instalar uma Escolinha de Arte no Município nos utilizaremos do documento²⁰ intitulado Plano de Criação da Escolinha de Arte, que foi implantada na Praça Júlio de Castilhos (atual Praça Dom Antonio Zátera) como mencionado anteriormente.

Finalidades:

- Criar na cidade um núcleo ou centro de educação através da arte.
- Suplementar o trabalho da educação.
- Oportunizar a experiência de um sistema educacional moderno que se adapte as novas diretrizes educacionais.
- Procurar demonstrar que as atividades culturais, sociais e educacionais, na sua constante atualização leve as atividades artísticas a evoluir dentro do clima da época, através de cursos especiais para professores buscar o reerguimento cultural e artístico da comunidade.

Objetivos:

- Procurar que a experiência em arte seja conseguida através do processo de criação.
- Procurar que a experiência artística seja dinâmica e venha refletir no comportamento, desenvolvendo a sensibilidade estética através da capacidade de observação, apreciação e seleção.
- Promover o trabalho em grupo como meio de integração social do educando sem descurar o valor das contribuições individuais especialmente no que se refere a originalidade.
- Estender a participação do educando no que se refere a arte, aos empreendimentos da escola e da comunidade.
- Oportunizar ao aluno experiências significativas no sentido espiritual através do 'Belo'. (Ruth Elvira Blank, 15/03/1963. PEIXOTO, 2017, p.222).

Depreende-se deste trecho do documento, que o plano visava o desenvolvimento da educação através da arte tanto para os alunos, quanto para os professores através de cursos dirigidos a estes, buscando pensar no coletivo, na

²⁰ Amparo-me neste documento como uma fonte secundária, ou seja, que já recebeu algum tipo de tratamento anterior, ou que foi pré-selecionado, através da pesquisa bibliográfica que tratava sobre o mesmo tema. Utilizamos com intuito de tratar sobre a fundação da escolinha, porem com outro foco da bibliografia que serviu como fonte.

comunidade (a noite eram oferecidos cursos para os adultos), ampliando sensibilidades e experiências estéticas. De certa forma também era contribuir para que essas experiências chegassem a um público menos favorecido, já que a escolinha era pública (embora se pagasse uma taxa mínima para despesas com material, como descrito no plano).

Destacamos o trecho em que apontou como finalidade “oportunizar a experiência de um sistema educacional moderno que se adapte as novas diretrizes educacionais”. Assim, percebeu-se a caracterização de uma ação inovadora no que se refere à implantação da instituição específica ao ensino de Arte para a época em questão, como referiu a professora Ruth Blank idealizadora da Escolinha no documento que atesta o Plano de Criação da EMAP.

Ruth Blank professora do primário no município de Pelotas, especializada em artes, também era professora pelo Estado do Rio Grande do Sul, aposentou-se em 1967 como professora do município de Pelotas e mudou-se para Porto Alegre após cumprir o seu papel na Escolinha de Arte de Pelotas, ou ao realizar o seu sonho, planejado e construído através de uma ampla bagagem de cursos e especializações, foi seguir sua jornada como educadora na capital gaúcha. O que não era nenhum empecilho para ela retornar frequentemente e auxiliar suas amigas professoras e equipe diretiva da Escolinha Municipal de Arte, que aqui ficaram lecionando.

Segundo Regina Weykamp da Cruz, ela vinha e trazia muitas novidades, tanto na questão de cursos para especializarem-se nas linguagens da arte, nos métodos, como também notícias e orientações de como poderiam prosseguir no andamento da Escolinha. Ruth também trazia materiais como livros, jornais, manuais, revistas e tudo que fosse para agregar criatividade e conhecimento sobre cultura e arte, nas aulas da Escolinha de Arte.

Através de algumas fontes orais e algumas das fontes escritas, a análise e o embricamento de informações entre as fontes encaminhou-nos a um percurso de prováveis leituras da professora Ruth, entendemos ser um aspecto importante sob a justificativa de um levantamento bibliográfico que possa nos trazer mais evidências de sua cultura intelectual através de algumas leituras apontadas que podem ter feito parte de sua constituição intelectual.

4.3.3 Ruth Blank no MARGS - O Museu como uma escola viva de Arte

Para entender qual o papel que a professora Ruth Blank ocupou no MARGS, procurou-se a instituição e mais precisamente o acervo documental do museu de arte, que através dos protocolos de higiene e segurança pública nos atendeu prontamente através de uma profissional graduanda em História da Arte, responsável pelo setor de documentação. Ainda não imaginávamos o que seria encontrado por lá, pois era desconhecido o setor que a professora Ruth havia trabalhado. Desta forma foi realizada uma análise em arquivos impressos que datavam do período suposto de permanência da professora naquela instituição. O levantamento foi feito através de uma leitura atenta entre catálogos, panfletos, jornais e todo tipo de impresso que pudesse subsidiar a pesquisa sobre a passagem de Ruth Blank pelo Museu.

O que se constatou em primeiro momento foi a falta de registro fotográfico, alguma imagem que pudéssemos reconhecê-la, pois bem, essa era uma característica da professora Ruth, como frisou sua amiga Regina Weykamp da Cruz (2020): “A Ruth gostava dos bastidores, dizia que bom era fazer o máximo e aparecer o mínimo”, então partimos para os impressos escritos, em meio aos catálogos de antigas exposições e periódicos do MARGS primeiramente encontrou-se menções a ela em lista e seu nome como funcionaria do museu em determinado evento.

Entre as informações que encontramos por lá, estavam incluídas duas imagens, com obras doadas pela professora Ruth Blank, um auto-retrato (desenho à lápis, 33x25cm) do pintor e desenhista Leopoldo Gotuzzo e outras três serigrafias (duas do ano de 1974 e uma de 1978) do artista e poeta Mario Barboza de Mattos, pelotense, com 97 anos, completos no final de 2021. Constantes no Catálogo Geral do acervo do MARGS.

Alem desses registros, o mais importante para essa pesquisa foi a indicação do nome de uma funcionária que trabalhou com a professora Ruth Blank, seu nome é Teniza Iara de Freitas Spinelli.

Teniza de Freitas Spinelli contribuiu com a pesquisa sobre a atuação de Ruth Blank no Museu, subsidiou com seus relatos orais sobre quando trabalharam juntas no MARGS, porém cada uma responsável por um núcleo ou setor do MARGS em 1974. Teniza é jornalista e sua participação no Museu começou em 1973, um ano

antes de Ruth entrar para a equipe de funcionários e técnicos do MARGS. É graduada em Letras e Comunicação Social pela UFRGS e atuou na área dos museus e da museologia no sistema estadual do Rio Grande do Sul, durante 33 anos. “Recentemente eu me dediquei mais à questão dos acervos literários e por ser jornalista, eu obviamente, atuei sempre no jornalismo tendo optado também pelo jornalismo cultural” (SPINELLI, 2021).²¹

A entrevistada relata o amor e a dedicação pelo trabalho que exerciam no Museu, que ainda se estruturava fisicamente e organicamente, encaminhando-se para ocupar a nova sede no centro histórico de Porto Alegre. Contou sobre as dificuldades enfrentadas no período de reestruturação deste órgão da cultura, a fim das diferentes diretorias e modos de pensar dos que passavam por lá no período, além dos percalços pelo distanciamento dos grandes centros culturais, mas confere um grande esforço por parte da equipe que constituía o MARGS naquele momento.

A pedido do diretor do Departamento de Assuntos Culturais, Dr. Paulo Amorim uma equipe constituída pelos profissionais Jader Siqueira, Magdalena Lutzenberger e Teniza Spinelli, coordenada por Ruth Blank, organizou um plano de estruturação para o Museu para o ano de 1975. Este plano tinha como principais objetivos melhorar as condições de funcionamento do MARGS, bem como ampliar as atividades do museu, através de um espaço físico maior. Além disso apontava todos os problemas que haviam, na época, para serem sanados, para que o Museu pudesse melhorar o seu funcionamento e atender a comunidade de um modo geral.

Este planejamento foi realizado em 1975 e a inauguração da nova sede na Praça da Alfândega (Centro Histórico de Porto Alegre) aconteceu somente no ano de 1978. Supõe-se não ter sido poucos os problemas a serem resolvidos e enfrentados para que o programa pudesse ter o efeito esperado. Desta forma Teniza (2021) esclarece que um dos objetivos do grupo era:

Além desse trabalho que a gente fez de pensar o MARGS para o Futuro, nós queríamos muito trabalhar com escolas e o fato de que era uma Secretaria da Educação e Cultura ainda nessa época o que nos permitiu entrar em contato com as delegacias de educação isso era muito interessante porque nós podíamos agendar, através das delegacias, as visitas guiadas ao museu. (SPINELLI, 2021.)

²¹ Entrevista concedida em 03 de setembro de 2021

Essas concepções nos ajudaram a refletir sobre o contexto a respeito do período de atuação da professora Ruth Blank no MARGS, assim sendo destaca-se o papel que ela desempenhou nesta instituição, utilizando-nos de sua própria descrição, através de uma entrevista concedida ao Suplemento do Jornal Folha da Tarde – Caderno Mulher (1978):

Sempre fui e continuo sendo professora de artes e foi esse sentido educativo da coisa que me trouxe ao Museu. Isso foi em 1973, sempre senti que, como instituição a serviço da comunidade, o museu era um riquíssimo recurso didático para os professores. Aqui como somos professoras e não técnicas em museologia, o que tentamos sempre é vencer as dificuldades técnicas.

Um museu é uma escola viva de arte, e por isso estamos agora orientando a exposição do nosso acervo, segundo um critério didático. Nossas pesquisas mostram que 75 por cento do nosso público é constituído por estudantes de 1º e 2º graus, A escola superior representa apenas 5 por cento dos nossos “clientes”. O que pretendemos é formar um público para a arte gaúcha.

Por conhecer o tipo de público que prioritariamente visita o museu é que o núcleo de acervo implantou agora, na nova sede da ex-Delegacia Fiscal, um grupo de monitores pedagógicos, todos estudantes de artes plásticas que orientarão as visitas fornecendo as devidas explicações. (Ruth Elvira Blank, entrevista concedida a Susana Sondermann, 1978).

No MARGS a professora Ruth Blank ocupava o cargo de coordenadora do Acervo, e trabalhou firme nas melhorias e ampliação deste núcleo, obtendo resultados positivos segundo nos contou Teniza Spinelli (2021), porem através da entrevista que Ruth concedeu ao Jornal Folha da Tarde nunca deixou de ser professora de artes e era esse sentido que ela buscou lá. “O sentido educativo da coisa”, como ela mesma disse de acordo com a jornalista que a entrevistou. Então a característica que ela preservou foi essa no Museu, a utilização desse espaço como recurso didático para os professores de artes e outros que tivessem interesse na cultura, na história, ou em qualquer outra área.

Além disso, durante a exposição ‘Arte Gaúcha no Acervo do MARGS’, que contou com duas palestras sobre as Missões, logo após, também organizou excursão com objetivo de conhecer o Museu das Missões e o reduto de São João Batista, em São João Velho. Participaram desta excursão estudantes, professores e artistas.

A professora Ruth também foi grande incentivadora e idealizadora dos Salões de Cerâmica Artística que aconteceram no Museu, e de acordo com Teniza Spinelli estes salões organizados por Ruth, com regulamento (também criado por ela),

continuaram a acontecer no MARGS mesmo após sua partida do museu no ano de 1978.

Em busca de conhecer um pouco mais sobre os diversos aspectos culturais que envolveram a sua formação intelectual, entendemos que seria pertinente um levantamento de obras bibliográficas que pudessem ter feito parte dessa constituição. O próximo capítulo trata dessa reflexão.

4.3.4. Reflexões sobre as prováveis leituras da professora Ruth Blank

Posso dizer que, mesmo que tivesse acesso ao seu acervo pessoal de livros e títulos (confirmados por ela) não poderíamos afirmar que sua formação intelectual se deu somente através do pequeno acervo que foi sendo revelado durante a pesquisa para a dissertação do mestrado, mas sim do conjunto que representou a sua época vivencial: contexto familiar e social, educacional e histórico, dos valores que a constituiu através de suas experiências.

Assim seguimos tecendo sentido para esse capítulo a partir da História Cultural que fala de “uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão.” (PESAVENTO, 2003, p.15).

Para exemplificar melhor o que se quer dizer, a respeito desse levantamento vale lembrar a frase de Burke (2005), em que ele menciona “o historiador pinta o retrato de uma época” e aqui se pode dizer que a análise é descrita segundo a interpretação dos dados de quem o está relatando a partir do conhecimento adquirido com a pesquisa sobre o percurso e a história de vida da professora Ruth Blank, através de descobertas dos caminhos que ela percorreu em sua trajetória.

Este subcapítulo foi realizado com base no levantamento bibliográfico (livros, textos, artigos, recortes de jornais e documentos) que fizeram parte de uma época (1925-1982).

Trata-se de um levantamento desses títulos com intenção de um panorama geral sobre alguns assuntos que circundavam a História da Educação em Arte, durante a trajetória de formação intelectual da professora Ruth. Estes títulos se evidenciaram, a partir das entrevistas ou relatos das fontes escritas. São leituras que envolveram o acervo intelectual da professora Ruth, mas poderia ser de outras professoras também.

O período de análise dos impressos é balizado entre a sua formação discente e docente, as fontes orais serviram como um guia para encontrarmos o material impresso que aqui descreveremos como as principais fontes bibliográficas.

Um quadro demonstrativo dos resultados obtidos em nosso levantamento foi adotado para elucidar graficamente o que foi apontado como relevante em suas leituras e organizar o procedimento de análise dos títulos. Porém não há intenção de quantificar o que já se apurou, mas demonstrar quais os tipos de leituras fizeram parte do seu percurso formativo e intelectual que a auxiliou enquanto educadora na cidade de Pelotas e que acreditava na educação através da arte.

Uma análise mais aprofundada dessas leituras e imbricações que nos remetem às indagações de como cada documento se ligou ao percurso da professora será estudado de maneira mais ampla em outro momento.

A pretensão não é tratar da história de nenhum livro em si e sim evidenciar o levantamento do acervo que participou da formação intelectual e cultural da professora de arte Ruth Blank, através de sua trajetória de vida.

Um quadro demonstrativo com os principais títulos foi organizado a seguir:

Quadro 2 Demonstrativo do acervo bibliográfico que constituiu as possíveis leituras da Professora Ruth Blank

Título	Autor	Ano	Período	Assunto	Fonte
Livros: Enciclopédia Tesouro da Juventude (18 volumes)	Editores W.M. Jackson, INC.	Reedição de 1955 (1ª edição na década de 20)	Infância/ Juventude	Assuntos Gerais que envolviam noções de História, Geografia, Economia, Ciência, Matemática, Arte, Cultura e Social, relacionados a Educação dos Jovens.	BELMONTE, C . Voa o Tempo - Joel Alberto Blank, 2020. Encontrado em: Acervo professor Elomar Tambara
Livro: Programa Experimental I de Atividades Artísticas	Elaborado pelo Serviço de Educação Artística do Centro de Pesquisas e Orientação Educativa do Estado do Rio Grande do	3ª edição, 1966	Adulta	Para professores de Desenho e Artes aplicadas – Curso Primário	Rio Grande do Sul - Programa Experimental de Atividades Artísticas, Ed. Tabajara, RS, 1966. Livro Acervo Professor Eduardo

	Sul				Arriada
Livro: Didática Especial do Desenho na Escola Primária	Alcidio Mafrá de Souza	1964	Adulta	Sobre a metodologia do ensino do desenho de um modo geral (seus materiais e técnicas) para a escola primária.	PEIXOTO, M.F.A. 2017. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais – Centro de Artes, UFPel.
Livro: Práticas Escolares	Antônio Dávila. Editora Saraiva	1968 – 7ª Edição, 2º volume.	Adulta	De acordo com o Programa de Prática de ensino do Curso Normal e com orientação do ensino primário (Metodologia e planos de aula)	Acervo Professor Eduardo Arriada.
Jornal Arte & Educação	Editores/funda dores: Augusto Rodrigues, Jader Britto, Maria Helena Novaes e Zoé Chagas Freitas.	Edições de 1970 a 2009	Adulta	Jornal desenvolvido através da Escolinha de Arte do Brasil. Voltado para principais publicações de Arte e Educação.	Coletânea do Jornal Arte & Educação. Editora Teatral, 2009, Rio de Janeiro

Fonte: Dados compilados pela autora, 2021.

A partir do quadro 2 pode-se perceber que os assuntos e temas abordados nos livros foram pertinentes a formação da professora de acordo com o período e contexto histórico, educacional e político em que ela viveu. Contudo é relevante lembrar que é apenas um compilado bibliográfico do que foi investigado, outras referências foram surgindo conforme se adensaram as investigações na pesquisa sobre sua trajetória de vida, mas para que possamos finalizar esse capítulo para a dissertação, ficarão apontados somente os títulos que constam no quadro acima.

De um modo geral os primeiros volumes que constituem a enciclopédia demonstram as possíveis leituras que podem ter sido realizadas pela professora Ruth ainda quando jovem de acordo com a descrição do irmão Joel Alberto Blank (93, o pai exerceu grande influência na leitura de seus filhos.

Dos títulos descritos por Blank (2020), ao pesquisarmos, conseguimos encontrar algum material somente sobre a enciclopédia, inclusive a coleção completa, 'Tesouro da Juventude', mais precisamente a reedição de 1955, há evidências de que as primeiras edições foram na década de 1920, segundo Dias (2011).

A enciclopédia Tesouro da Juventude é uma coleção composta de 18 volumes, dividida em 15 seções que constituem a obra: A Terra, A Nossa Vida, Animais e Plantas, O Novo Mundo, O Velho Mundo, Belas-Artes, Os Livros Famosos, Poesias, Contos, As Belas Ações, Coisas que Devemos Saber, Os Porquês, Coisas que Podemos Fazer, Lições Atraentes, Homens e Mulheres Célebres. Era considerada pelo autor como uma "reunião de conhecimentos essenciais, oferecido em forma adequada ao proveito e entretenimento das crianças e adolescentes" da época (JACKSON, 1955, p. 01).

Os cinco últimos livros mostrados no quadro são leituras que foram apontadas como parte da sua preparação docente em arte, pois se tratam de planejamentos e metodologias das aulas de arte dentro de um período em que a educação no Brasil passava por constantes modificações e importantes mudanças para esse campo.

Ainda, conforme o quadro demonstrativo, referenciamos o livro Programa Experimental de Atividades Artísticas, de 1966, como sendo um volume composto por outras edições anteriores (as quais não tivemos acesso ainda), mas pudemos observar a partir do impresso que foi produzido para os professores de desenho e artes aplicadas, do curso primário, elaborado pelo serviço de educação artística do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional do Estado do Rio Grande do Sul, após analisado observou-se que a justificativa deste programa pode ter servido de inspiração para a professora Ruth Blank através do documento denominado 'Plano de Criação' da Escolinha de Arte Municipal de Pelotas. Sendo assim as figuras 14 e 15 ilustram essa constatação coincidente:

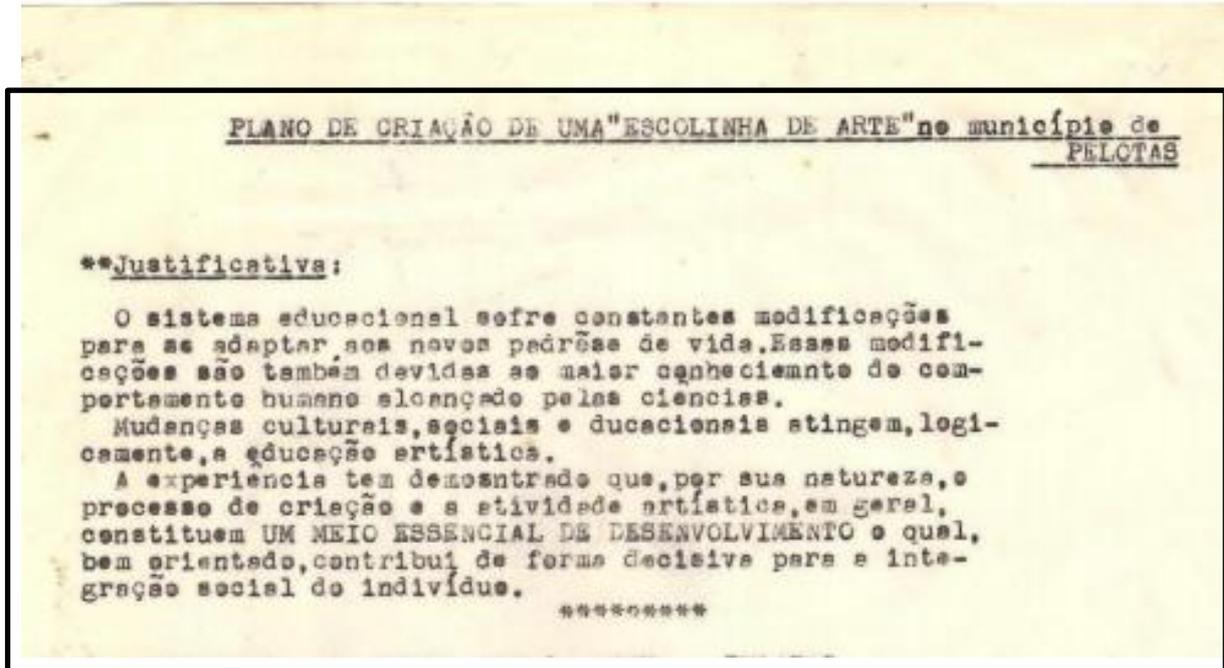


Figura 14 Plano de Criação da Escolinha de Arte de Pelotas – Justificativa
Fonte: PEIXOTO, 2017. Acervo da Escola EMEI Ruth Blank.

Conforme o texto datilografado lê-se a transcrição abaixo:

****Justificativa:**

O sistema educacional sofre constantes modificações para se adaptar aos novos padrões de vida. Essas modificações são também devidas ao maior conhecimento do comportamento humano alcançado pelas ciências.

Mudanças culturais, sociais e educacionais atingem, logicamente, a educação artística.

A experiência tem demonstrado que, por sua natureza, o processo de criação e a atividade artística, em geral, constituem um meio essencial de desenvolvimento o qual, bem orientado, contribui de forma decisiva para a integração social do indivíduo. (BLANK, 1963, p. 5, apud PEIXOTO, 2017).

O trecho foi retirado da quinta página do documento Plano de Criação da Escolinha de Arte no Município de Pelotas, redigido pela professora Ruth Blank em 15 de março de 1963.

A seguir a figura 15 nos mostra a sexta página do Programa Experimental de Atividades Artísticas elaboradas pelo Serviço de Educação Artística do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional do Estado do Rio Grande do Sul.

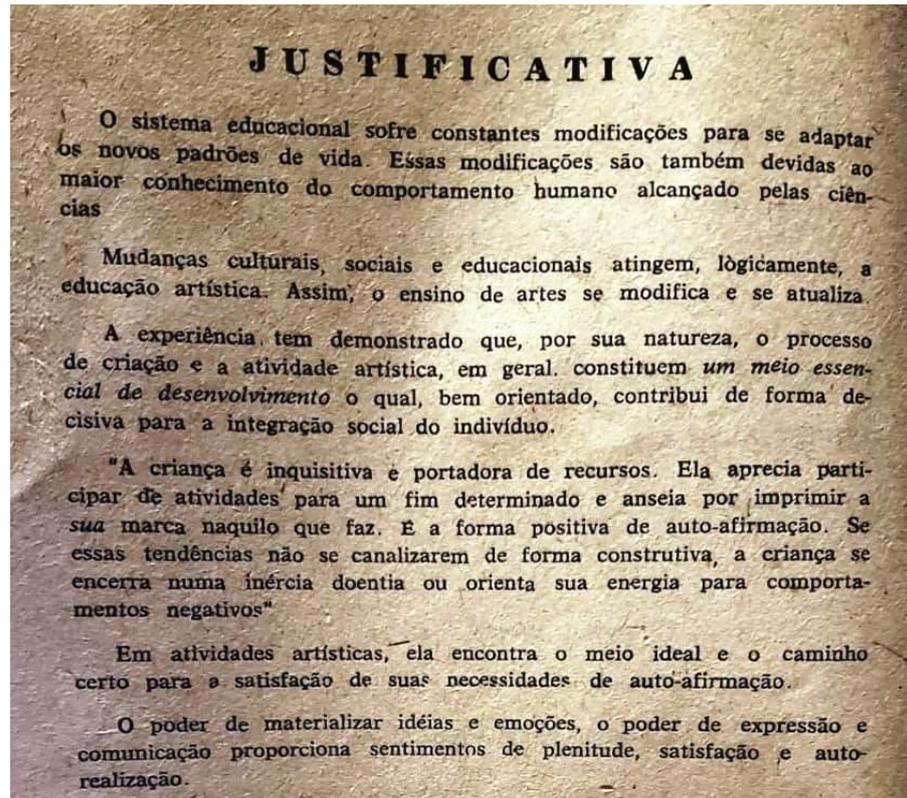


Figura15 Programa Experimental de atividades Artísticas – 1966
 Fonte: Acervo professor Eduardo Arriada.

A figura 15 evidencia que, os três primeiros parágrafos da justificativa do Programa coincidem com a mesma redação expressa na justificativa para o plano de criação da Escolinha de Arte de Pelotas, em 1963. Embora se trate de um material datado do ano de 1966, e o plano para a fundação da Escolinha de Arte de três anos anteriores ao Programa, acredita-se que a professora tenha se respaldado nas primeiras edições desse mesmo impresso para elaborar o documento que foi apresentado (assinado por ela) como plano para a idealização da EMA.

Contudo nos apoiamos nos preceitos de alguns autores, que apareceram como referenciais para a redação do Programa elaborado pelas orientadoras especializadas em Desenho e Artes aplicadas, com destaque a Viktor Lowenfeld, austríaco que viveu entre 1903 e 1960, pois conforme nos conta Lavelberg (2015, p. 36):

Seu pensamento foi um paradigma que marcou, com seus referenciais teóricos, as práticas de ensino de arte junto a crianças e jovens em muitos contextos educativos latino-americanos, nos Estados Unidos da América do Norte, na Europa e na Ásia, acompanhando as proposições da escola renovada, que se instalou a partir dos anos 1920.

Seus conceitos expandiram-se e foram propagados em diversos países e, no Brasil, introduzidas nas últimas décadas dos anos 1960. Apesar da importante influência de Lowenfeld para a educação infantil através da arte, por suas proposições práticas que possibilitava uma organização para inserir atividades criativas em sala de aula na segunda metade do século XX, foi uma exposição de desenhos infantis durante a segunda guerra-mundial, trazidas por Herbert Read (britânico que viveu entre 1893 e 1968) que elevou a sua importância em educar as crianças através da arte:

Uma exposição de desenhos de crianças inglesas realizada durante a Segunda Guerra Mundial que percorreu diversos países, incluindo o Brasil, passando por Rio de Janeiro e São Paulo em 1941, e por Belo Horizonte e Curitiba em 1942. Promovida pelo British Council, essa mostra foi organizada pelo historiador e crítico de arte britânico Herbert Read (1893-1968), que viria a ser, nos anos seguintes, talvez a mais influente voz a defender a importância da presença da prática artística no processo educacional da criança. (ANTONIO, 2018, p. 4).

Read é autor de diversas publicações nessa área, seu livro mais difundido tem o título: *A Educação pela Arte* (que está descrito no quadro das leituras – Quadro 1), tradução brasileira para o título original *Education Through Art*, de 1963. Neste texto, Read (2020, p. 12) defende que a arte deve ser a base da educação:

Se o homem é capaz de produzir bons sons, é um bom falante, um bom músico, um bom poeta; se consegue produzir boas imagens, é um bom pintor ou escultor; se pode produzir bons movimentos, um bom dançarino ou trabalhador; se boas ferramentas e utensílios, um bom artesão. Todas as faculdades, de pensamento, lógica, memória, sensibilidade e intelecto, são inerentes a esses processos, e nenhum aspecto da educação está ausente deles. Todos são processos que envolvem arte.

Para Read (2020, p. 12) o objetivo da educação é formar “artistas” – “pessoas mais eficientes em vários modos de expressão”, em todos os ramos, áreas e setores.

Outro livro que aparece como importante na constituição do possível acervo bibliográfico das professoras da Escolinha de Arte, no período de 1964 é a *Didática Especial do Desenho na Escola primária*, de Alcídio Mafra de Souza, esse, portanto, mais voltado à função pedagógica dos desenhos decorativos e do natural na escola primária, indicando as etapas, os elementos e as leis da composição decorativa, bem como sua orientação metodológica, procedendo de igual maneira com relação

aos trabalhos manuais, o volume termina com uma descrição comentada de materiais e técnicas artísticas na escola primária, seguida de sugestões e exemplos de aplicação do desenho, executados em classe espontaneamente ou sob supervisão do professor.

Percebe-se que esse livro pouco tem a ver com as novas tendências que embasam o educar através da arte (como profere o Movimento das Escolinhas de Arte), porém é evidente que sua metodologia teve fundamento às aulas ministradas na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (EMAP), quando percebemos as palavras de Marge Faria do Amaral Peixoto (2017) a respeito de sua entrevista com dona Déborah Blank Mirenda (1934), irmã da professora Ruth, na sua dissertação de mestrado em Artes Visuais:

Ao final da entrevista, Dona Déborah emprestou materiais que eram da professora Ruth Blank e, que ela usava durante a época da Escolinha. Um livro de Alcídio Mafra de Souza, "Didática Especial do Desenho na Escola Primária" e uma cópia de um material distribuído por Tom Hudson, num curso realizado pela professora Ruth e que ela mandou traduzir, pois estava em inglês. (PEIXOTO, 2017, p.111)

No livro de Souza (1964) há referências da utilização de quadro mural como recurso audiovisual nas funções educativas e que remete-nos às palavras de Regina Weycamp da Cruz (aluna e amiga da professora Ruth, também foi professora na EMAP).

Nossa obrigação quando ela vinha era fazer um painel na sala dos professores, mas não só por ela vir, seria como uma decoração temática pré-escolhida, e quando ela chegava dizia: Tá bom ou está horrível isso! "Imagina como vocês vão colocar um jacaré estampado ali e uma ave abaixo do jacaré?" Nós fazíamos juntas né? Às vezes dávamos uma ideia, mas não sabia se seria aceita. Tudo era em grupo, ou ela pedia para desmanchamos tudo, e às vezes com as próprias peças montávamos de outra forma, ela falava em retângulo áureo, "tudo é arte e tem que agradar o olho" ela dizia que a arte não era para agradar uma ou duas pessoas que estariam presentes, tinha que ser harmoniosa para todo mundo. (Regina W. da Cruz, entrevistada em 14/01/2020).

A preocupação das professoras com o quadro mural era entender a proposta, e a partir disso montar uma boa representação temática com figuras e textos que serviriam para elucidar algum assunto que seria debatido na semana.

Ainda dentro dessa proposta pedagógica sobre os quadros murais (prática exercida pelas professoras na Escolinha de Arte de Pelotas), encontramos no livro

Práticas Escolares de Antônio D'Ávila (1968) sugestões para se trabalhar em sala de aula determinados assuntos através de imagens e gravuras, sobretudo, de animais brasileiros ou regionais, animais estranhos, cenas brasileiras ou estrangeiras, quadros da natureza, ilustrando fábricas, paisagens, plantas, tudo que servisse aos objetivos de determinada aula (D'ÁVILA, 1968, p. 111).

Nesse exemplar também encontramos sugestões do autor citando as recomendações de Comenius em Didática Magna onde ele fala que cada escola deveria contar com um jardim, em que as crianças pudessem passear frequentemente, recreando os olhos com a observação das plantas, flores e águas. As mesmas sugestões ele atribui a Pestalozzi, quando diz que em seus planos educativos estavam trabalhos de jardinagem nas escolas. (D'ÁVILA, 1968, p.105)

O livro Práticas Escolares de Antônio D'Ávila é voltado à formação de normalistas, são arrolados diversos autores da década de 1930, período discente de Ruth, o autor fala da importância dos trabalhos manuais em madeira para os meninos, e faz distinção de gêneros quanto ao tipo de trabalhos manuais para as meninas dizendo que na seção feminina podem ser desenvolvidos trabalhos com agulhas. Segundo D'Ávila, no curso primário, era “um momento de se libertar da tendência de fazer trabalhos para exposições escolares, artísticos e caros, sem utilidade positiva, imediata.” (D'ÁVILA, 1968, p. 186).

Já o último impresso selecionado para integrar o quadro das possíveis leituras da professora Ruth se trata de uma coletânea de circulação artística educativa, denominado Arte & Educação, produzido pela Escolinha de Arte do Brasil a partir de uma participação de Zoé Chagas Freitas, no Congresso da Educação pela Arte, na Inglaterra, onde conheceu um jornal chamado Art and Education em agosto de 1970.

O editor chefe da versão brasileira era o artista e jornalista Augusto Rodrigues (o precursor do Movimento Escolinhas de Arte), vários outros editores fizeram parte do jornal, que recebia contribuições de diversos educadores, filósofos, psicólogos, escritores, arte-educadores. Dentre eles os principais nomes como Nise da Silveira, Anísio Teixeira, Helena Antipoff, Pedro Figueiredo Ferreira, Tom Hudson, Clarival do Prado Valladares, Rosza W. Vel Zoladsz o artista plástico Zivaldo, Zoé Chagas Freitas, Jader de Medeiros Britto, Augusto Rodrigues entre tantos outros.

Como fonte para essa pesquisa foi utilizada a coletânea organizada em 2009, que representa um compilado do material impresso, organizado pela Escolinha de Arte do Brasil.

O jornal Arte & Educação tratava de notícias ligadas aos cursos da Escolinha de Arte do Brasil, bem como do Movimento Escolinhas de Arte. Foi um importante elo e veículo de comunicação entre todas as Escolinhas de Arte que eclodiram por todo o Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 (embora o jornal tenha sido criado somente em 1970). Hoje uma importante fonte documental para a História da Educação em Arte.

Com esse levantamento bibliográfico dos principais títulos que apareceram através das fontes orais e suas narrativas, bem como as fontes documentais, reforça-se que esse estudo será aprofundado em um próximo momento, levando-se em consideração aspectos da História Intelectual na Educação, pois se percebeu um caminho para buscar mais subsídios para esse estudo dentro da História da Educação, e assim ampliar sobre a trajetória de intelectuais atuantes no campo da educação em Pelotas no Rio Grande do Sul.

Considerações

Para finalizarmos esta dissertação, faremos considerações a respeito das contribuições da Professora Ruth Blank, fundadora da Escolinha Municipal de Arte (1963) e as diversas relações que a conferiram destaque no ensino de Arte na cidade de Pelotas, respondendo à questão principal que moveu todo o estudo até o momento final.

E para replicar quais as suas contribuições para o cenário do ensino de arte em Pelotas, objetivou-se percorrer a sua trajetória (1925-1982), buscando conhecer e relatar sobre a sua história de vida, assim, desde o seu nascimento até o ano de seu falecimento, analisando aspectos de sua formação (discente e docente) e práticas docentes.

Para esta pesquisa no âmbito da História da Educação compreendeu-se que a trajetória é o conjunto que abrange os conceitos que constituem uma História de Vida (de professor), assim como o de Formação de Professores e o de Práticas Docentes que envolvem os saberes dos professores.

Foi analisado, através de fontes orais e escritas, aspectos do contexto familiar, e percebeu-se influências da religião Anglicana em sua formação desde criança, com certa vanguarda no que diz respeito a educação.

A primeira escola de Ruth Blank foi construída (1929) pelo pai (reverendo da Igreja Anglicana) em Erechim, denominada de Barão do Rio Branco, com ideias inovadoras (princípios Maçons e Anglicanos) de ensino misto, meninos e meninas estudavam juntos, para um período em que predominava o ensino separado para ambos. Desta forma observamos que Ruth foi criada, desde cedo em um contexto educativo.

Seguindo na análise pelo processo de formação discente, em sua adolescência, por falta de escolas em sua cidade, no ano 1937, Ruth veio estudar em Pelotas, no Colégio Anglicano Santa Margarida, que havia sido inaugurado em 1934, ficou em regime de internato onde supõe-se que vivia integralmente para os estudos.

Essa escola possuía características modernas, desde o desenho do prédio até o modelo pedagógico, caracterizado pela estrutura das salas com equipamentos modernos (laboratórios) e próprias para aulas práticas, assim como se desenvolvia as aulas de arte (teatro, pintura, modelagem, desenho, manualidades e artesanato).

Algumas dessas constatações foram observadas através da descrição de uma ex-aluna que também é professora de arte (universitária), e convergido com outros relatos de ex-alunas que foram entrevistadas para o livro que trata sobre o colégio Santa Margarida.

Dentro desta estrutura de educação formal (escolar) observou-se também algumas distinções assim como a existência do Grupo Escoteiro Bandeirante que configurou um modelo de educação informal, o qual Ruth Blank pode ter desenvolvido habilidades de liderança entre tantas outras inerentes a sua personalidade, e que fazem parte dos princípios das bandeirantes, sendo integrante da Tropa Condor.

No colégio Santa Margarida Ruth se formou e começou a sua carreira profissional, além de professora na instituição ela também atuou na biblioteca dessa escola. Podemos averiguar então que a base de sua formação, assim como a sua educação, inicialmente foi pautada nos preceitos da Igreja Anglicana.

Integrando os processos de sua formação Ruth Blank buscou pelos Cursos de Educação Continuada para complementar a sua formação docente e percebe-se seu interesse pela área de Arte através dos diversos cursos que participou com especialidades nesse campo.

Assim sendo observamos que desde o início da sua docência ela se direcionou a ser professora de Arte, mesmo não fazendo parte ainda como disciplina do currículo escolar, a arte estava presente em suas aulas.

Como professora do Ensino Primário em escolas do Município de Pelotas e professora de desenho e artes aplicadas no Ensino Secundário em escolas Normais do Estado do Rio Grande do Sul, trabalhou com crianças e adolescentes e com a formação de professoras normalistas, com elas desenvolveu aulas dinâmicas, propiciou experiências práticas e estéticas, foi grande incentivadora ao desenvolvimento artístico e educacional de muitas pessoas e conheceu as necessidades do ensino e o déficit na qualidade da formação de professores (principalmente no campo da arte).

Percebeu-se principalmente que durante toda a sua vida ela procurou se desenvolver intelectualmente no campo da arte, por isso foi procurada a atuar nos cursos que articulou, assim como também foi convidada a ser Orientadora Educacional do Município de Pelotas, certamente estabeleceu relações próximas na área da educação através da arte e suas ideias ficaram mais conhecidas, esse fator

pode ter ajudado, fortalecendo sua influência no campo da educação, e culminou na idealização da Escolinha Municipal de Arte de pelotas.

A fundação da Escolinha de Arte em Pelotas foi a mais evidente cooperação para a História da Educação no Município. Desta forma procuramos destacar as características principais da Escolinha, no capítulo reservado a sua fundação.

Ruth Blank não mediu esforços em seguir colaborando com a experiência que adquiriu sobre a importância da arte na educação, mesmo aposentada do município, e morando em Porto Alegre, já atuante no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, ela retornava à cidade para orientar no suporte pedagógico (trazendo materiais didáticos da capital) da EMAP.

O que pode ter contribuído para esse deslocamento de Ruth para a capital gaúcha, foi a sua percepção em estar mais próxima de onde acontecia, com maior desenvolvimento o circuito de Arte.

Quando ela foi embora de Pelotas, também seguiu agregando apoio à área da cultura agora em nível estadual. No capítulo que tratamos do trabalho que desempenhou no MARGS, na capital gaúcha, demonstrou a sua efetividade como professora de artes engajada em colaborar com a organização que estruturou o Museu no período em que a instituição precisou mudar de sede, para ampliar os serviços culturais e educacionais oferecidos à comunidade.

A trajetória de uma vida voltada à educação através da arte sofreu uma interrupção precipitada, tendo em vista o falecimento da professora Ruth Elvira Blank em 31 de agosto de 1982. Com apenas 57 anos e uma carreira ascendente, a professora de arte veio a óbito causado por um câncer.

As últimas anotações que temos conhecimento com registros dela são através de um caderno (ANEXO F) que data de 1981, e que aparentemente serviu como sua agenda ou “diário de bordo” no decorrer desse ano, pois ali ela organizava suas atividades diárias, mensais e até mesmo planejamentos futuros para 1982, assim como o projeto o qual estava engajada na sua elaboração “O PRODIARTE”, mencionado no primeiro capítulo deste estudo, e que poderá ser melhor abordado em outra ocasião. Porém após esse caderno o que temos sobre a professora são publicações de amigas, colegas de profissão que a admiravam pessoalmente e profissionalmente, mostraram através de homenagens a sua admiração e reconhecimento perante o trabalho árduo que ela realizou em nome da arte e da educação ao longo de sua trajetória professoral.

O último capítulo que trata sobre as reflexões das prováveis leituras que a professora realizou, buscou-se compreender, através dos relatos orais e informações coletadas nas fontes escritas, que tipo de leituras poderiam ter participado da constituição intelectual da professora Ruth Elvira Blank durante a sua trajetória de vida, mas durante esse estudo foram aparecendo outras leituras que se encaixariam assim como a Revista Humboldt, que após uma segunda conversa informal com a entrevistada, Regina Weykamp da Cruz foi possível ter conhecimento desta revista, que está prevista para estudos futuros, pois se trata de uma revista alemã, que existiu impressa pela editora Globo, entre 1959 e 2013, ela aborda assuntos relacionados à cultura e arte, e era uma das referências que a professora Ruth trazia da capital quando vinha a Pelotas, assim como também a Revista do Ensino, em suas visitas para reunir-se com a equipe da Escolinha Municipal de Arte.

Assim concluímos que os objetivos foram alcançados ao investigar e descrever a trajetória de vida da professora, identificando as relações que contribuíram para sua relevância no campo da História da Educação em Arte, no município de Pelotas. Apontando aspectos do âmbito familiar, da sua formação discente e docente (intelectual) e as práticas pedagógicas relacionadas aos seus saberes profissionais (como se constituiu professora).

Fontes Orais

ALLEMAND, Renata. P. S. Entrevista [jun. 2019]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2019, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em sua residência nesta cidade.

BOHNS, Neiva. M. F. Entrevista/questionário. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, Junho de 2020. Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica (FaE/UFPeI)

CRUZ, Regina W. da. Entrevista [jan. 2020]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2020, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em sua residência nesta cidade.

MACEDO, Ana C.L. de. Entrevista [maio. 2019]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2019, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em aula (FaE/UFPeI)

MIRENDA, Déborah. B. Entrevista [out. 2019]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2019, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em seu atelier/casa nesta cidade.

PEIXOTO, VETROMILE, Marge, Marcia. Entrevista [Jul. 2019]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2019, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Ruth Blank.

SANTOS. Carlos A. A. [Jun. 2019]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em sua residência nesta cidade.

SHWONKE, Darley B. Entrevista [jan. 2020]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2020, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica em sua residência nesta cidade.

SPINELLI, Teniza I. F. Entrevista [agos. 2021]. Entrevistadora: Liziane Nolasco Fonseca, 2021, Pelotas. Entrevista concedida para fins de pesquisa acadêmica, método utilizado internet, chamada de vídeo (rede social), em sua residência em Porto Alegre.

Fontes documentais

Certidão de Nascimento de Ruth Elvira Blank, Erechim, RS. 1925.

Recorte do Jornal Estandarte Cristão, nascimento Ruth Elvira Blank, Erechim, 07 de setembro de 1925.

Certificado de Madureza , Ginásio Santa Margarida, 1942.

Atestado de atuação docente Ginásio Santa Margarida, 1951.

Atestado de matrícula na Escola de Belas Artes de Pelotas, 1952.

Orientadora de Ensino pelo Município de Pelotas, 1952.

Certificado de Desenho e Artes Aplicadas, Rio de Janeiro, INEP, 1952.

Nomeação substituição docente na Escola Normal Assis Brasil, 1952.

Relatório Divisão de Cultura Geral, Matéria Desenho e Pintura, aulas de artes da professora Ruth Blank, 1960.

Documento que atesta o fim das atividades docentes na Escola Normal Assis Brasil, 1960.

Curso intensivo de Arte na Educação, Escolinha de Arte Infante-Juvenil em Porto Alegre, RS. 1962.

Plano para Criação de Uma Escolinha de Arte em Pelotas, 1963.

Curso Estágio da Arte, ministrado por Ruth Elvira Blank, Pelotas, RS. 1963.

Documento Convite Homenagem de Reconhecimento, do Instituto Educacional Assis Brasil, Pelotas, RS. 1967.

Curso Arte e Criatividade na Educação. II encontro de professores de Educação Artística Ministrado por Ruth Elvira Blank. Estrela, RS. 1975.

Atestado de aposentadoria Ruth Elvira Blank, Prefeitura Municipal de Pelotas 1967.

Estudo para uma estrutura organizacional do MARGS, 1975.

Catálogo de Exposições do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 1974.

Catálogo Geral do MARGS, Volume 1.

Recorte de Jornal Folha da Tarde, suplemento caderno Mulher, Jornalista Susana Sondermann, Porto Alegre, RS, 1978.

Certidão de Óbito de Ruth Elvira Blank, Cartório 5ª Zona. Porto Alegre, 1982.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, V. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassannezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

ALBERTI, V. Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos, in: **Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio**. São Paulo, 2011.
Acesso em: 2019.

AMARAL G. L; AMARAL. G. L. **Colégio Anglicano Santa Margarida – Entre a Memória e a História 1934-2005**. Seiva Publicações, Pelotas, RS. 2007.

AMARAL G. L; AMARAL. G. L **Instituto de Educação Assis Brasil – Entre a Memória e a História 1929-2006**. Seiva Publicações, Pelotas, RS. 2007.

AMARAL G. L. Políticas educacionais no contexto histórico brasileiro. In: **Tecnologia, Cultura e Formação na Educação a Distância: o potencial reflexivo da/na formação de professores**. GRECCO, Rita de Cássia (org). Editora da FURG: Rio Grande, 2012.

AMORIM, M.L. **Estudo da trajetória de vida e construção dos saberes de duas professoras de educação física da cidade de São Carlos**. 2007. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) - Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

BACELLAR, C. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo. Contexto, 2005, p. 23-79

BARBOSA, A. M. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Outubro de 2003, disponível em: www.revista.art.br. Acesso em 02 de out. de 2019.

BARBOSA, A. M. **Ensino da Arte, Memória e História**. Ed. Perspectiva Ltda. São Paulo, 2014.

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil**. Ed. Cortez, São Paulo, 2017.

BELMONTE, C. **Voa o Tempo**. Porto Alegre: Editora RJR, 2020.

BENCOSTTA, Marcus L. **Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba**, História, São Paulo, v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun 2011.

BICA, A. C. **Ginásio Santa Margarida: Um Estudo Sobre a Gênese e a Consolidação de Uma Instituição Escolar Anglicana de Ensino na Cidade De Pelotas**, 104 fls. Dissertação de Mestrado, 2006. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases. Lei nº 4.024/61, de dezembro de 1961.** Brasília, 1961.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases. Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971.** Brasília, v.35, p.1114 – 1125, jul/set, 1971.

BRITTO, J. M. **60 anos de Arte & Educação através da Escolinha de Arte do Brasil**, Ed. do Livro, Rio de Janeiro, 2008. Patrocínio Ministério da Cultura / Fundação Nacional de Arte.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 2008.

COSTA, A. M. N.; DIAS, D. R.; LUCCIO, F. D. **Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS).** Scielo Brasil, Rio de Janeiro, p. 36-43, 2009. Acesso em: 20 de janeiro de 2022

D'ÁVILA, A. **Práticas Escolares**, São Paulo, Edição Saraiva, 1968. 7ª edição, 2º vol.

DIAS, K. K. K. **Enciclopédia Tesouro da Juventude: espaço de aprendizagem de História.** ANPUH - SC, UDESC, PPGH, 2011, Santa Catarina. Anais Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: SBPH, 2011, p.1-9.

DREY, V. **Cruz, esquadro, compasso e quadro-negro: Uma História do Instituto Anglicano Barão do Rio Branco - Erechim, RS (1929-1953)** 113f. Tese Doutorado, Universidade de Passo Fundo. RS.

FARIA FILHO, L. M. Escolarização e Cultura Escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas. Itinerário Histórico.** São Paulo: Cortez, 2007. p.193-211.

FERREIRA, M. M; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FRAGA. T. G. **Os subterrâneos emergem: A institucionalização da cultura e a temporada dos museus no Rio Grande do Sul (1987-1991)**, 165f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

FUSARI, M. F. de Rezende e; FERRAZ, M. H. C. Toledo. **A arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2009.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas.** 8ª Edição, São Paulo, Ed. Ática, 2003.

GALVÃO, A. M. O; LOPES, E. M. S. T. **Território Plural: a pesquisa em história da educação.** 1ª ed, São Paulo, Ática, 2005.

GUEDES, B. L. **História da Educação no Rio Grande Do Sul, Maçonaria e Igreja Anglicana:** Algumas imbricações, contradições e paradoxos (1901/1970). 493fls. Tese de Doutorado, 2010 - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal De Pelotas.

GOODSON, I.F. Dar voz ao professor: As histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In:

HALBWACHS. M. **A memória coletiva.** São Paulo, Vértice Editora, 1990, p. 25-52.

IABELBERG, R. **Da arte-educação modernista à pós-modernista: fluxos.** 2015. 258 fls. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

JACKSON. W. M. **Tesouro da Juventude,** São Paulo, Editora Brasileira, 1955, vol. I-XVIII. 18 volumes

LE GOFF, J. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEAL, F. **Escolinha de Arte da UFRGS (1960-2011) 51 anos de Arte/Educação.** Curitiba, Paraná. 2021. Ed. Appris. Curitiba, Paraná. 2021. Ed. Appris.

LOUZADA, M. C. **Memórias e trajetórias de egressas das escolas normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959-1963).** 270f. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. Cap. 3, p. 25 – 44.

MAGALHÃES, C. R. **A Escola De Belas Artes De Pelotas (1949-1973) Trajetória institucional e papel na História da Arte,** 333fl. Tese de Doutorado em Educação, 2012. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

MAGALHÃES, C. R. **A Escola de Belas Artes de Pelotas: da Fundação à Federalização (1949/1972) - uma contribuição para a História da Educação em Pelotas.** 110fls. Dissertação de Mestrado, 2008. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

MAGALHÃES, J. **Tecendo Nexos.** História das Instituições Educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178 p.

MENDONÇA, A. W.; XAVIER, L. N. **Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960,** Ed. INEP/MEC, Brasília, DF. 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11a ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

MIRANDA, O. **Coletânea do Jornal Arte & Educação**. Rio de Janeiro, ed. Teatral, 2009.

MOVIMENTO BANDEIRANTE BRASIL. 2022. **Promessa e código bandeirante**. Disponível em: <https://bandeirantes.org.br/promessa-e-codigo-bandeirante/> . Acesso: 19 de jun. 2021.

NOVA ESCOLA: John Dewey. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco>. Acesso em 10 de jun. 2019.

NÓVOA, Antônio. **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

NÓVOA, Antônio. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Ed. Educa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, 2002.

PEIXOTO, Marge. F.A. **Escolinha Municipal de Arte de Pelotas: Memória, História e Ensino de Arte**. 2017, 128f. Dissertação, Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSANHA, E. C.; DANIEL, M. E.B.; MENEGAZZO, M. A. **Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa**. UFMG, (s/d).

PROENÇA, G. **História da Arte**, Ed. Ática, 2001, São Paulo, SP.

PROGRAMA ENFOQUE. Porto Alegre: TVE, [1990]. Duração: 48min. Entrevista com: Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Elton Manganelli, Maria Lúcia Varnieri e Teresa Poester. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-tqt2oqmL0>. Acessado em agosto de 2019

READ, H. A **Educação pela Arte**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2020. 3ª ed.

RIO GRANDE DO SUL, S. E. A - C.P.O.E. **Programa Experimental de Atividades Artísticas para Professores de Desenho e Artes aplicadas do Curso Primário**. Porto Alegre, Edições Tabajara, 1966. 3ª ed.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico [livro eletrônico]**. Ed. Cortez, São Paulo. 2014.

SILVA, R.C. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, M.R. (Org.). **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.25-44.

SOUZA, A. M. **Didática Especial do Desenho na Escola Primária**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.

SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. **A cultura escolar em debate: Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP. 2005. Ed.: Autores Associados.

TARDIFF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber; esboço de uma problemática do saber docente. In **Revista Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991, p.215-231.

VENZKE, L. H. D. **“Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir”**: gênero, docência e Educação Infantil em Pelotas (décadas 1940-1960). 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VIEIRA, C. E; OSINSKI, D. R.B.; OLIVEIRA, M. A.T. **História Intelectual e Educação, Artes, Artistas e Projetos Estéticos**. Jundiaí, SP. Ed. Paco Editorial, 2019.

ZAGONEL, B. **Arte na educação escolar**. Curitiba, PR. Ed. Intersaberes, 2012.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro de Entrevista realizada com ex-aluno da Escolinha Municipal de Arte – Carlos Alberto Avila Santos – Professor de Artes.

Tema da entrevista: A Escolinha Municipal de Arte de Arte

Objetivo da entrevista: Conhecer aspectos da Escolinha fundada pela professora Ruth Blank e como era vista pelo ex-aluno.

1. Nome completo entrevistado?
2. Qual sua relação com a instituição pesquisada?
3. Em qual data ou período foi?
4. Fale sobre como foi trabalhar com arte ou estudar arte naquela instituição?
5. Como era a proposta da escolinha?
6. Relatar como eram os colegas, ainda tem algum contato com eles?
7. O que sabe sobre o início das atividades educativas da instituição?
8. Contexto histórico/político dessa época: (facilidades e dificuldades da época)
9. Possui algum material que possa nos auxiliar em nossa pesquisa?
Matéria em jornal: sobre eventos, projetos, homenagens: Fotografias – filmagens.
10. Espaço se quiser falar sobre alguma questão que não foi perguntada:

Apêndice B: Roteiro de entrevista realizada com a irmã mais nova da professora Ruth Blank - Déborah Blank Mirenda - Artista Plástica e professora de Arte aposentada.

A temática: A Escolinha de Arte.

Objetivo da entrevista: Conhecer aspectos que envolviam a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Nome completo:

Idade:

1. Pode nos contar um pouco sobre a sua vida?
2. Qual a sua relação com a arte e o ensino de arte?
3. Se teve relação com a arte. Qual livro lia nesse período?
4. Quem o (a) inspirava? Por quê?
5. Estudou, trabalhou ou conheceu alguém que trabalhou na escolinha de arte de pelotas?
6. Qual a relação de proximidade com a professora e idealizadora da Escolinha de Arte de Pelotas?
7. Foi aluno (a) da professora Ruth Elvira BLank? Que relações tinham?
8. Como era o sentimento em relação ao período de inauguração da escolinha?
9. A professora chegou a comentar como seria essa Escolinha?
10. Teve acesso ao planejamento dela para a abertura, os preparativos, o andamento das aulas, os cursos?
11. Teve acesso ao que ela gostava de ler?
12. Autores ou títulos de obras?

Apêndice C – Roteiro de Entrevista realizada com ex-aluno da Escolinha Municipal de Arte e sobrinho da Professora Ruth Blank - Darley Blank Shwonke – Engenheiro civil.

Tema: A trajetória de vida da professora Ruth Elvira Blank

Objetivo da entrevista: Conhecer o perfil de Ruth Blank como tia e professora.

1. Qual seu nome completo?
2. Pode nos contar um pouco sobre a sua vida:
3. Que ano nasceu?
4. Formação/profissão:
5. Onde trabalhou? Cargo e função
6. A professora Ruth Blank teve alguma influência sobre suas escolhas?
7. Contexto histórico da educação na época: (facilidades e dificuldades)
8. Qual foi sua relação com Ruth Blank? Discorra livremente.
9. Alguma recordação que marcou ter sido aluno de Ruth Blank?
10. Se puder falar sobre alguma característica da professora Ruth Blank?
11. Possui algum material que possa nos auxiliar em nossa pesquisa?
Matéria em jornal: sobre eventos, projetos, homenagens: Fotografias – filmagem.
12. Espaço se quiser falar sobre alguma questão que não foi perguntada:

Apêndice D – Roteiro de Entrevista realizada com ex-aluna da Professora Ruth Blank e ex-professora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. – Regina Weykamp da Cruz.

Tema da entrevista: A profissão docente na Escolinha de Arte e as metodologias.

Objetivo da entrevista: Conhecer o perfil profissional da professora e o ambiente idealizado pela professora Ruth Blank.

1. Nome completo:
 2. Qual sua relação com a instituição pesquisada:
 3. Em qual data ou período foi?
 4. Fale sobre como foi trabalhar com arte naquela instituição?
 5. Como era a proposta da escola?
 6. Relatar como eram os colegas, ainda tem algum contato com eles?
 7. O que sabe sobre o início das atividades na instituição?
-

Tema da entrevista: Ruth Blank como professora e colega de profissão.

Objetivo da entrevista: Conhecer as relações de aluna/professora e colega de profissão

1. Pode nos contar um pouco sobre a sua vida? Ano de nascimento, onde morou, onde estudou, onde brincou, onde trabalhou.
2. Qual a sua relação com a arte e o ensino de arte?
3. Qual livro lia nesse período? Quem o inspirava?
4. Tem relação com alguém que trabalhou na escolinha de arte de pelotas?
5. Qual a relação de proximidade com a professora e idealizadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas?
6. Foi aluna da professora Ruth Blank?
7. Como era o sentimento em relação ao período de inauguração da escolinha?
8. O planejamento da professora Ruth para a inauguração, os preparativos, o andamento das aulas, os cursos?
9. Teve acesso ao que ela gostava de ler? Autores ou títulos de obras? Lembra de algum? Ela indicava?
10. Ela contava como era dar aulas? Ou como ela se preparava?

11. Quando saiu da cidade, para morar em Porto Alegre, desvinculou-se totalmente da escolinha de arte? E as amigas e colegas de profissão como ficou a relação, continuou o vínculo?

Apêndice E – Entrevista realizada com ex-aluna do Colégio Santa Margarida – Neiva Fonseca Bohns – Professora de Arte.

Tema da entrevista: As aulas de Arte no Colégio Santa Margarida

Objetivos da entrevista: Conhecer os valores que o ensino de artes tinha na instituição que a professora Ruth Blank estudou a maior parte de sua formação discente.

1. Nome completo e ano de nascimento (se quiser):
2. Qual sua ligação com a escola Santa Margarida? (Aluno, professor, funcionário, outro)
3. Data de ingresso e fechamento de ciclo na escola?
4. Como era a Escola?
5. Do que mais gostava?
6. Como eram as aulas de artes?
7. Fale sobre as atividades oferecidas pela escola?
8. Como eram os professores e colegas?
9. Discorra sobre outros assuntos ou fatos que gostaria de evidenciar sobre o Colégio Santa Margarida:
10. Qual a sua profissão?

Apêndice F – Entrevista realizada com ex-colega de trabalho da professora Ruth Blank, do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. – Teniza Iara Spinelli – Jornalista.

Tema da entrevista: Contribuições de Ruth Blank na área da cultura no MARGS

Objetivos da entrevista: Conhecer aspectos profissionais que envolveram a professora de Artes Ruth Elvira Blank no setor da cultura e educação e como ela associou a educação através da arte no museu.

1. Qual seu nome completo?
2. Pode contar um pouco sobre a sua vida?
3. Ano de nascimento:
4. Formação/profissão:
5. Onde trabalhou? Cargo e função
6. Por quanto tempo? Período.
7. Contexto histórico/político dessa época: (facilidades e dificuldades da época)
8. Qual foi sua relação com Ruth Blank? Discorra livremente.
9. Onde se conheceram?
10. Alguma recordação que marcou o trabalho com Ruth Blank?
11. Se puder falar sobre alguma característica de Ruth Blank.
12. Possui algum material que possa nos auxiliar em nossa pesquisa?

Matéria em jornal: sobre eventos, projetos, homenagens:

Fotografias – filmagem

13. Espaço se quiser falar sobre alguma questão que não foi perguntada:

Anexos

Anexo A - Certificado de Madureza, Formação Ruth Blank, Ginásio Santa Margarida. 1942



Anexo B – Atestado de Matrícula Escola de Belas Artes de Pelotas, RS. 1952.

ESCOLA DE BELAS ARTES
PELOTAS



ATESTADO

ATESTO que a Senhorinha RUTH ELVIRA BLANCK,
está matriculada no 2º ao d'êste estabelecimento de en-
sino.

Pelotas, 1 de Agosto de 1952

Marina Moraes Pires
DIRETORA

Anexo C – Curso Estágio da Arte – Ministrado por Ruth Blank - Prefeitura Municipal de Pelotas, 1963.




PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS

ATESTADO

Atestamos que RUTH ELVIRA BLANK
frequentou o Curso "Estágio da Arte"
instituído pelo Diretoria da Educação
no período de 25 de março a 12 de julho de 1963.

Pelotas, 26 de outubro de 1963.


Diretora da Educação Municipal


Coordenadora do Curso

Anexo D – Certificado de participação de Ruth Blank como Jurado no III Salão de Arte de Pelotas, 1979.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
5.ª DELEGACIA DE EDUCAÇÃO

CERTIFICADO

A RUTH BLANK

é conferido o Certificado de Participação, como jurado, no III Salão de Arte de Pelotas, realizado no período de 19 a 26 de outubro de 1979.

Pelotas, em 26 de outubro de 1979.

Nelson Abott de Freitas
Nelson Abott de Freitas
Coordenador

Sérgio Romeu Vianna da Cruz Lima
Sérgio Romeu Vianna da Cruz Lima
Delegado de Educação

Handwritten notes on the right side of the certificate:
... e a Carmelina
... 1979, em 26 de 10
... do Sul
...
... presente certificado foi assinado por
...
... de Pelotas, 26.10.79

Anexo E – Participação de Ruth Blank no IV Seminário Nacional do PRODIARTE, Brasília, DF. 1981.



Anexo F – Folha do caderno de anotações pessoais da professora de arte Ruth Elvira Blank. 1981.

" Pedagogia não é somente ensinar e aprender, mais também uma preparação para viver".

" Não interessa à criança por ser criança; a criança interessa porque interessa o ser humano, toda metodologia, infelizmente deve partir de uma didática geral sobre o homem".

" O ensino que ajuda a criança durante as 24 horas do dia, é material didático que influencia, forma e desenvolve seu desenvolvimento físico, psíquico e mental."

" A criatividade é responsável pela sobrevivência do homem".

" Sempre que aumenta o nível de percepção, criam-se novas condições de sobrevivência."

" A capacidade de adaptação e desenvolvimento da nova situação depende unicamente do indivíduo e suas capacidades."

– " O verdadeiro professor é o que ensina a aprender".

– " A criança no potencial humano que fixa a norma pré-estabelecida, é um pensar-se constantemente, um desenvolver o próprio talento e o gratificá-lo com o seu produto".

– Ensinar para aprender ...
Aprender para viver ...